

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

DEMETRIUS DA CRUZ MOTA

**A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA NAZISTA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PNLD 2024)**

UBERLÂNDIA

2024

DEMETRIUS DA CRUZ MOTA

**A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA NAZISTA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PNLD 2024)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto
de História, como parte das exigências para a
obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

UBERLÂNDIA

2024

DEMETRIUS DA CRUZ MOTA

**A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA NAZISTA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PNLD 2024)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais (Orientador)

Professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI-UFU)

Professor no Instituto de História (INHIS-UFU)

Universidade Federal de Uberlândia(UFU)

Prof. Dr. Décio Gatti Júnior (Avaliador)

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-UFU)

Professor na Faculdade de Educação (FACED-UFU)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira (Avaliador)

Professor do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI-UFU)

Professor no Instituto de História (INHIS-UFU)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

*Aos meus familiares, amigos e professores,
pelo incentivo e pela paciência. Vocês foram
fundamentais nesta jornada.*

Resumo:

Neste trabalho, analiso criticamente a representação da ideologia nazista nos livros didáticos do 9º ano do ensino fundamental aprovados pelo PNLD 2024. Meu objetivo é compreender como os conteúdos sobre o nazismo são selecionados, quais imagens são utilizadas e quais enfoques ideológicos estão presentes nesses materiais, sempre relacionando-os com a legislação educacional vigente e a historiografia contemporânea, principalmente do ponto de vista metodológico. Para isso, realizo uma análise bibliográfica e documental dos livros, destacando aspectos como a seleção de informações, o uso de imagens e as atividades sugeridas para os alunos.

Palavras-chave: História; Livro didático; Ideologia Nazista; Segunda guerra mundial; PNLD2024.

Abstract:

In this study, I critically analyze the representation of Nazi ideology in 9th-grade textbooks approved by the 2024 PNLD (National Textbook Program). My objective is to understand how the content related to Nazism is selected, which images are used, and what ideological perspectives are present in these materials, always connecting them with current educational legislation and contemporary historiography, particularly from a methodological standpoint. To achieve this, I conduct a bibliographic and documentary analysis of the textbooks, highlighting aspects such as the selection of information, the use of images, and the suggested activities for students.

Keywords: History; Textbook; Nazi Ideology; World War II; PNLD 2024.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

(AMP)	Amplitude História
(ARA)	Arariba conecta - História
(CEV)	Conexões e vivências
(CON)	A conquista História
(DOC)	História .doc
(EXP)	Expedições da História
(GAH)	Geração alpha História
(HSC)	História sociedade e cidadania
(JOR)	Jornadas: Novos caminhos, história
(JSP)	Jovem Sapiens História
(SLH)	Se liga na história - Braick e Barreto
(STH)	Segue a trilha história
(SUP)	Superação! História
(VHK)	Viver história Com Leandro Karnal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. AS FONTES	9
3. A MATERIALIDADE E HISTORICIDADE DO LIVRO DIDÁTICO	11
4. CONCEITUANDO REPRESENTAÇÃO CONFORME ROGER CHARTIER	13
5. POSSIBILIDADES DE PESQUISA SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA	14
6. CARÁTER MERCADOLÓGICO E IDEOLÓGICO	15
7. FINALIDADES IDEAIS X REALIDADE PEDAGÓGICA	16
8. ANÁLISE DO CONTEÚDO- LINHA DO TEMPO E QUESTÕES TEMÁTICAS	17
8.1. A CRISE ECONÔMICA NA ALEMANHA PÓS-GUERRA (1918)	18
8.2. O SURGIMENTO DO PARTIDO NAZISTA (1919)	19
8.3. O PUTSCH DE MUNIQUE E A PRODUÇÃO DO MEIN KAMPF (1923)	20
8.4. QUESTÕES TEMÁTICAS: O ARIANISMO	21
8.5. CRISE DE 1929 E A GRANDE DEPRESSÃO (1929)	21
8.6. QUESTÕES TEMÁTICAS: PROPAGANDA NO ESTADO NAZISTA	22
8.7. PARTIDO NAZISTA EM SEGUNDO LUGAR NAS ELEIÇÕES DE 1930, TORNANDO-SE O MAIOR PARTIDO DO PARLAMENTO ALEMÃO (REICHSTAG) EM 1932. (1930-1932)	23
8.8. HITLER É NOMEADO CHANCELER DA ALEMANHA (1933)	23
8.9. PAUL VON HINDENBURG MORRE, HITLER TORNA-SE FUHRER. (1934)	24
8.10. LEIS RACISTAS NA ALEMANHA NAZISTA (1935)	25
8.11. QUESTÕES TEMÁTICAS: PANGERMANISMO E ESPAÇO VITAL	25
8.12. CRISE DA REMILITARIZAÇÃO DA RENÂNIA (1936)	26
8.13. FORMAÇÃO DO EIXO (1936)	26
8.14. OLIMPÍADAS NA ALEMANHA NAZISTA (1936)	27
8.15. ANEXAÇÃO DA ÁUSTRIA (ANSCHLUSS) (1938)	27
8.16. QUESTÕES TEMÁTICAS: BLITZKRIEG	27
8.17. ANEXAÇÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA E POLÍTICA DE APAZIGUAMENTO (1938)	28
8.18. PACTO NAZI-SOVIÉTICO DE NÃO AGRESSÃO E A INVASÃO DA POLÔNIA (1939)	28
8.19. ANEXAÇÃO DA DINAMARCA E NORUEGA (1940)	29
8.20. OPERAÇÃO BARBAROSSA: NAZISTAS INVADEM A UNIÃO SOVIÉTICA (1941)	30
8.21. BATALHA DE STALINGRADO (1942)	31
8.22. O DIA D (1944)	31
8.23. ALEMANHA ASSINA A RENDIÇÃO EM MAIO, ENCERRANDO A GUERRA NA EUROPA.(1945)	32
8.24. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - GUETOS	33
8.25. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	33
8.26. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS	34
8.27. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO -	

HOLOCAUSTO(SHOAH) E GENOCIDIO	35
8.28. QUESTÕES TEMÁTICAS: O QUE É TOTALITARISMO?	35
8.29. QUESTÕES TEMÁTICAS: QUAIS AS RELAÇÕES ENTRE O NAZISMO E O FASCISMO?	37
9. CITAÇÕES NOS LIVROS DIDÁTICOS	38
10. ANÁLISE DAS IMAGENS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS	48
10.1. FOTOGRAFIAS DE JUDEUS	48
10.2. FOTOGRAFIAS DE HITLER	49
10.3. FOTOGRAFIAS DE MILITARES NAZISTAS	49
10.4. PROPAGANDA ANTINAZISTA COM HITLER	50
10.5. PROPAGANDA NAZISTA SEM HITLER E SIMBOLOS DO NAZISMO	50
10.6. FOTOGRAFIAS DAS OLIMPÍADAS DE 1936	50
10.7. FOTOGRAFIAS DE CIVIS ALEMÃES NÃO-JUDEUS	51
10.8. CENAS DE ANTISSEMITISMO E PROPAGANDA ANTISSEMITA	51
10.9. FOTOGRAFIAS DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	51
10.10. FOTOGRAFIAS ARMAMENTO DO EXÉRCITO ALEMÃO E ILUSTRAÇÃO DO BLITZKRIEG	52
10.11. PROPAGANDAS NAZISTAS COM HITLER	52
10.12. PROPAGANDA ANTINAZISTA SEM HITLER	53
10.13. FOTOGRAFIAS DE VÍTIMAS DO NAZISMO QUE NÃO ERAM JUDIAS	53
10.14. FOTOGRAFIAS DO TRIBUNAL DE NUREMBERG E SESSÃO DO JULGAMENTO DE AUSCHWITZ	53
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
12. BIBLIOGRAFIA	56
12.1. FONTES UTILIZADAS:	56
12.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	57

1. INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento histórico é um processo complexo, influenciado por uma variedade de fontes, que abrangem desde a memória pessoal até o aprendizado em sala de aula. Esses conhecimentos podem ser adquiridos através do ensino formal, bem como por meio de diversas formas de mídia, como leituras, filmes, músicas, podcasts e até mesmo o teatro. Entretanto, não podemos negar a importância central do ensino formal, juntamente com o uso de livros didáticos, como um pilar fundamental no processo de ensino e aprendizado. No Brasil, desde 1996, os livros didáticos são submetidos a uma rigorosa avaliação e aprovação pelo MEC, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹. Dentre os diversos temas abordados nos materiais didáticos aprovados pelo PNLD mais recente, edição de 2024, destaco um em particular: a ideologia nazista.

O nazismo representou um dos capítulos mais sombrios e impactantes do século XX, principalmente se pensarmos no holocausto e o que ele causou, a destruição de vidas humanas em escala industrial. Uma análise mais aprofundada desse período da história pode também contribuir para sensibilizar os estudantes em relação aos perigos do extremismo, racismo e ódio. Ao compreender as consequências devastadoras da ideologia nazista, os alunos podem tornar-se mais resistentes à influência de grupos extremistas e mais propensos a promover a tolerância e a diversidade. A aprendizagem sobre o nazismo e o Holocausto também desempenha um papel crucial ao ajudar os estudantes a compreenderem a importância da responsabilidade histórica. Isso significa reconhecer o papel desempenhado por indivíduos, governos e sociedades na disseminação e perpetuação do nazismo, bem como o papel das forças que resistiram a ele.

O estudo do nazismo oferece uma oportunidade para discutir questões éticas profundas, ligadas aos temas dos direitos humanos. O conhecimento sólido sobre o nazismo pode contribuir para uma sociedade mais tolerante e inclusiva. Ao estudar os horrores do nazismo, os estudantes podem ser inspirados a combater o preconceito e a discriminação em todas as suas manifestações. Além disso, tal estudo também serve como um alerta sobre os perigos do autoritarismo, nacionalismo extremo e populismo. Os alunos podem aprender a identificar sinais de intolerância e extremismo em sua sociedade e a tomar medidas para evitar

¹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Escolha do livro didático. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=index.php?option=com_content&view=article&id=13658. Acesso em: 14 ago. 2024.

a repetição de eventos sombrios semelhantes. Portanto, é de extrema importância investigar como os livros aprovados pelo PNLD 2024 abordam o tema do nazismo e qual mensagem eles buscam transmitir sobre esse assunto tão relevante.

Neste trabalho de conclusão de curso, pretendo realizar uma análise minuciosa, comparando de maneira sincrônica e qualitativa os capítulos sobre o fenômeno nazista nos livros aprovados pelo PNLD 2024, destacando as seleções de dados, uso de imagens, ênfases atribuídas e atividades sugeridas. Esses elementos contribuem para a compreensão e interpretação do fenômeno pelo aluno, que são influenciados diretamente pelo conteúdo dos livros didáticos. Além disso, pretendo estabelecer uma conexão entre as abordagens encontradas nos livros didáticos e a legislação educacional vigente, bem como a historiografia contemporânea relacionada ao tema do nazismo e particularmente do nazismo no livro didático. Isso nos permitirá não apenas compreender o que está sendo ensinado, mas também avaliar como essa educação está alinhada com as diretrizes educacionais do país e o estado atual do desenvolvimento dos livros didáticos. A metodologia utilizada para a construção deste trabalho constitui-se de análise bibliográfica e documental de livros didáticos enquanto fonte histórica. No quesito conteudístico, pretendo analisar quais informações são destacadas nesses capítulos analisados. Além disso, busco interpretar a iconografia das obras, para compreender quais imagens foram selecionadas, se estas possuem apenas valor ilustrativo, ou se são levantadas questões reflexivas a respeito.

2. AS FONTES

As fontes principais deste trabalho serão os livros didáticos. Construídos por grupos de profissionais a mando de suas respectivas editoras, os livros didáticos carregam algumas questões que merecem atenção. A primeira delas é a legislação educacional que cerca tal produto, que define as balizas pelas quais este deve ser produzido. A segunda questão é a relevância mercadológica de um livro aprovado por algum desses programas, devido a alta taxa de impressão dos exemplares. A terceira questão, que não deve ser perdida de vista, é o fato do livro didático ser construído por diversas mãos, o que resulta em embates ideológicos corriqueiramente presentes nas entrelinhas, passando despercebido por olhos menos atentos. Meu recorte temporal será o tempo presente, optei pela última edição da principal seleção de livros didáticos do Brasil, que envolve o MEC e o Governo Federal: o Programa Nacional do Livro Didático edição 2024 (PNLD 2024). O tema do nazismo normalmente é discutido no 9º ano do ensino fundamental e no 3º ano do ensino médio; optei pelos livros do ensino

fundamental. Pretendo analisar os capítulos que se referem ao nazismo dos 14 livros didáticos aprovados pelo PNLD 2024. Abaixo, listei os títulos agrupados pela editora.

Quadro 1 - Livros Didáticos 9º Ano (PNLD 2024)

Editora	Livros didáticos aprovados pelo PNLD 2024	Autores
Editora Moderna	Se liga na história - Braick e Barreto	Fabício Ramos Braick, Anna Cristina Camargo Moraes Figueiredo, Matheus Ramos Braick, Patrícia Do Carmo Ramos Braick
	Superação! História	Caroline Torres Minorelli, Charles Hokiti Fukushima Chiba
	Viver história Com Leandro Karnal	Felipe De Paula Gois Vieira, Isabela Soraia Backx Sanabria, Leandro Karnal, Luiz Estevam De Oliveira Fernandes, Marcelo Santos De Abreu
	Arariba conecta - História	Maria Clara Antonelli, Joana Lopes Acuio, Letícia De Oliveira Raymundo, José Mauricio Ismael Madi Filho, Renata Isabel Chinelatto Consegliere, Maria Raquel Apolinário, Maria Lidia Vicentin Aguilar, Patricia Tavares Raffaini, Leandro Salman Torelli, Taís Campelo Lucas, Maria Clara Antonelli
	Expedições da história	Gilberto Vieira Cotrim, Jaime Rodrigues
FTD	História sociedade e cidadania	Alfredo Boulos Júnior
	A conquista História	Reinaldo Seriacopi, Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Leandro Calbente Câmara
Editora do Brasil	Conexões e vivências	Silvia Panazzo, Maria Luisa Albiero Vaz
	Amplitude História	Lier Pires Ferreira Junior, Arthur Torres Caser, Cristiano Ferreira Campos, Gabriel Da Fonseca Onofre, Guido Fabiano Pinheiro Queiroz, Julio Cesar Paixão Santos, Márcio Roberto Coelho Dos Reis, Renata Augusta Dos Santos Silva, Roberta Martinelli E Barbosa
Edições SM	Geração alpha História	Débora Yumi Motooka, Valéria Aparecida Vaz Da

		Silva
Saraiva	História .doc	Daniela Buono Calainho, Jorge Luiz Ferreira, Ronaldo Vainfas, Sheila Siqueira De Castro Faria
	Jornadas: Novos caminhos, história	Priscila Nina Fernandes, Mauricio Cardoso
Scipione	Jovem Sapiens História	Keila Grinberg, Adriana Machado Dias, Marco Cesar Pellegrini
Palavras projetos editoriais	Segue a trilha história	Solange De Almeida Freitas, Antônio Reis Junior, José Antônio Vasconcelos, Júlio Schneider Neto

Fonte: Autor

Percebe-se a predominância de algumas editoras em relação a outras, a exemplo da Editora Moderna, que possui 5 títulos aprovados. Ao comparar com a edição anterior (PNLD 2020), percebi que apesar de terem tido coleções diferentes dentre as aprovadas, mantiveram-se as editoras Moderna, Saraiva, FTD e SM. Isso demonstra a importância comercial de tal produto, que movimenta milhões todo ano. Ineditamente, o programa incluiu a necessidade das editoras produzirem uma “*Versão digital interativa das obras: Livro do Estudante Digital-Interativo e Manual do Professor Digital-Interativo, os quais contêm infográficos, carrosséis de imagem, gifs, podcasts, áudios e vídeos.*”², conforme nos aponta o guia do livro didático. Por este motivo, utilizarei os PDFs destas versões digitais como base para minhas análises.

3. A MATERIALIDADE E HISTORICIDADE DO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é um objeto multifacetado e complexo, profundamente enraizado na interseção entre cultura, pedagogia e produção editorial³. Sua definição precisa é desafiada pela diversidade terminológica e pela ausência de características universalmente aplicáveis a todas as suas denominações. Alain Choppin destaca essa diversidade terminológica e as dificuldades em estabelecer uma definição única para esse objeto.⁴ Ele atribui ao livro

² Guia Digital - PNLD 2024: Obras Didáticas. Disponível em:

https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas_apresentacao.

Acesso em: 15 ago. 2024.

³GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Livro didático e história do ensino de história: caminhos de pesquisa.** In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

⁴ CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.** Educação e pesquisa, São Paulo, p. 549-566, set./dez. 2004.

didático quatro funções essenciais: referencial, instrumental, ideológica e documental. Os livros didáticos desempenham um papel fundamental nas políticas públicas educacionais, sendo commodities destinadas ao ambiente escolar.⁵

A materialidade do livro didático é um elemento crucial a ser considerado, pois ele não é apenas um veículo de ideias e valores, mas também um objeto físico com características materiais específicas. Sua produção envolve uma série de processos, desde a escrita inicial até a edição, revisão, paginação, impressão, encadernação e distribuição⁶. Cada um desses processos pode introduzir alterações no texto original e influenciar a forma como o conteúdo é apresentado ao leitor.⁷ Além disso, o livro didático é um instrumento educativo que influencia a construção do currículo escolar e a compreensão do conhecimento.⁸ Ele desempenha um papel importante na construção do currículo escolar e orienta decisões sobre o que ensinar em sala de aula⁹. Sua linguagem e estrutura interna refletem as escolhas dos autores e editores para tornar o conteúdo acessível aos alunos.

Os livros didáticos refletem não apenas os conhecimentos específicos de uma disciplina, mas também as orientações teóricas, historiográficas e pedagógicas da época em que foram produzidos.¹⁰ Eles desempenham um papel ativo na estruturação do ensino e na cultura histórica, servindo como agentes e produto. A cultura escolar molda a seleção e organização dos conteúdos, tornando a escola um agente configurador da cultura histórica. O livro didático também desempenha um papel na construção de representações identitárias relacionadas a etnia, classe, gênero e nação. É um meio de comunicação que influencia como diferentes grupos sociais são representados e compreendidos na sociedade.¹¹

⁵ MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

⁶ GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru, SP: EDUSC/Belo Horizonte, MG: EDUFU, 2004, p. 252

⁷ MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. Brasil. Hist. Educ [online]. 2012, vol.12, n.03, pp.179-197

⁸ MONTEIRO, Ana Maria. **Livros didáticos de história para o ensino médio e as orientações oficiais: processos de recontextualização e didatização**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

⁹ APPLE, Michael Whitman. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

¹⁰ MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. Brasil. Hist. Educ [online]. 2012, vol.12, n.03, pp.179-197

¹¹ MORENO, Jean Carlos. **Limites, escolhas e expectativas: horizontes metodológicos para análise dos livros didáticos de história**. Antíteses, Londrina, v. 5, n. 10, p. 717-740, jul./dez. 2012. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil.

4. CONCEITUANDO REPRESENTAÇÃO CONFORME ROGER CHARTIER

Roger Chartier, em sua obra *A História Cultural - Entre Práticas e Representações*, conceitua representações como construções simbólicas que refletem e moldam as percepções coletivas em uma sociedade. Essas representações englobam sistemas de significados compartilhados, expressos em práticas culturais, discursos e objetos. Chartier destaca a complexidade dessas construções, explorando como são forjadas, disseminadas e apropriadas pelos indivíduos em diferentes contextos históricos. Suas análises ressaltam as tensões entre as imposições de significados por autoridades culturais e as múltiplas interpretações e apropriações feitas pelos receptores, oferecendo assim uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais envolvidas na produção e recepção simbólica ao longo do tempo.

As representações do mundo social, embora almejem uma universalidade fundamentada na razão, são inexoravelmente influenciadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Cada discurso proferido estabelece uma relação intrínseca com a posição do indivíduo que o utiliza, revelando uma interdependência entre as perspectivas individuais e as dinâmicas sociais. As percepções do social, longe de serem neutras, engendram estratégias e práticas que buscam impor autoridade, legitimar projetos reformadores e justificar escolhas pessoais. A pesquisa sobre representações, assim, se insere em um campo de competições e lutas pelo poder, sendo equiparada em importância às batalhas econômicas para compreender como um grupo impõe sua visão do mundo e seus valores. A representação atua como um instrumento de conhecimento imediato, possibilitando a visualização de um objeto ausente por meio de sua substituição por uma imagem que o reconstitui na memória e o figura fidedignamente. Por outro lado, a representação é também compreendida como a exibição de uma presença, uma apresentação pública de algo ou alguém. Essa dualidade subjaz à teoria do signo, particularmente desenvolvida pela escola semiótica de Port-Royal, na qual a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente desempenha um papel central, distinguindo categorias de signos e caracterizando o símbolo em seu sentido restrito.¹²

Contudo, a distinção crucial entre representação e representado, signo e significado, é deturpada pelas práticas de teatralização da vida social no Antigo Regime. Essas práticas buscam fazer com que a identidade seja percebida como a mera aparência da representação, sugerindo que a existência da coisa está umbilicalmente ligada ao signo que a exhibe. Essa confusão na relação de representação é intensificada pela ação da imaginação, transformando a representação em uma máquina de produção de respeito e submissão, um instrumento que

¹² CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

gera constrangimento interiorizado, especialmente em contextos nos quais a violência imediata se revela impraticável. Parafraseando Chartier, todos aqueles que não utilizam da força para convencer, o fazem com dissimulação.¹³

5. POSSIBILIDADES DE PESQUISA SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

A pesquisa sobre livros didáticos de história tem avançado nos últimos anos, indo além da análise do conteúdo impresso. Ela explora a produção dos livros, as relações entre autores, editores e o Estado, bem como a assimilação desses manuais pelos alunos e professores.¹⁴ Isso reflete uma tendência global de considerar o livro didático como parte de uma complexa rede de interações e influências. A análise da materialidade abrange desde a fabricação física do livro até sua circulação, distribuição e impacto no mercado editorial educacional.¹⁵ Outra área de pesquisa importante se concentra na utilização do livro didático como fonte documental para o estudo dos saberes culturais, especialmente na história da educação e do ensino.¹⁶ Isso permite compreender como o livro didático contribui para a construção e disseminação de identidades culturais, incluindo questões étnicas, de gênero, de cidadania e de diversidade. Os pesquisadores têm explorado sua produção material, seu conteúdo disciplinar, seus simbolismos e ideologias, bem como sua dimensão histórica e cultural no contexto educacional, entre outros aspectos fundamentais¹⁷. A análise dos usos que professores e alunos fazem dos livros didáticos, incluindo os protocolos de leitura, também é uma área de pesquisa relevante.¹⁸ Esses protocolos influenciam como os leitores interagem

¹³ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

¹⁴FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. **A apropriação docente dos livros didáticos de história: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

¹⁵GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Livro didático e história do ensino de história: caminhos de pesquisa**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

¹⁶FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. **A apropriação docente dos livros didáticos de história: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

¹⁷Para saber mais consulte:

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar. 1993**. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993

CHOPPIN, Alain. **Manuels scolaires: histoire et actualité**. Paris: Hachette, 1992.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 1997. Tese (Doutorado em história e filosofia da educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

¹⁸FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. **A apropriação docente dos livros didáticos de história: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

com o livro e sua compreensão do conteúdo¹⁹. Não utilizarei desta linha de pesquisa, pois não terei acesso às leituras das minhas fontes.

6. CARÁTER MERCADOLÓGICO E IDEOLÓGICO

Nos últimos anos, os livros didáticos se tornaram uma importante fonte de lucro para as editoras, o que impactou suas motivações. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) desempenha um papel central na avaliação e distribuição desses livros nas escolas públicas, estabelecendo critérios de alta qualidade. No entanto, conforme Cassiano (2013), a concorrência no mercado educacional brasileiro pode tornar os materiais mais suscetíveis a interesses financeiros em detrimento de considerações ideológicas.²⁰ A análise do caráter mercadológico do livro didático no contexto brasileiro revela uma complexa interação entre interesses financeiros, políticas públicas educacionais e a produção e distribuição desses materiais.²¹ Conforme Freitag:

A primeira constatação implica no fato de que não houve, até recentemente, fora do Estado, outras instituições no Brasil capazes de influenciar, formular e redirecionar o processo decisório sobre o livro didático. Mesmo as instituições de peso como a Igreja, as editoras, o mercado livreiro, as associações científicas ou os sindicatos (operários e de professores), as organizações de pais e alunos, etc., não têm revelado força suficiente para influenciar essa política estatal, quase integralmente entregue a técnicos e assessores da burocracia governamental, muitas vezes sem as qualificações e especializações necessárias e sem uma legitimidade que as autorize a definir uma política que hoje afeta aproximadamente trinta milhões de crianças brasileiras e mais de um milhão de professores. Nem mesmo as editoras, que, à luz de seu poderio econômico, teriam condições de influenciar o conteúdo e a distribuição dos livros didáticos, têm usado a sua força para participar com propostas próprias das decisões políticas sobre o livro didático(...) elas preferem seguir as instruções dadas pelo Estado a respeito do currículo mínimo (núcleo comum e suas adaptações específicas para as diferentes unidades da federação), deixando que o Estado encomende, i.e., compre o maior número de livros de sua coleção. Para tal, elas seguem à risca os pareceres emitidos pelos Conselhos Federal e Estaduais, nos quais esses currículos são sancionados.²²

¹⁹SILVA, J. R. da. **LIVRO DIDÁTICO COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: POSSIBILIDADES, QUESTÕES E LIMITES DE ABORDAGEM.** Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 177–197, 2014.

²⁰CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O impacto do PNLD no ensino de história: cifras e ideologia.** In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal-RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN, 22 a 26 de julho de 2013.

²¹MORENO, Jean Carlos. **Limites, escolhas e expectativas: horizontes metodológicos para análise dos livros didáticos de história.** Antíteses, Londrina, v. 5, n. 10, p. 717-740, jul./dez. 2012. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil.

²²FREITAG, Bárbara et alii. **C estado da arte do livro didático no Brasil.** Brasília, INEP/REDC, 1987. 129p

Não podemos reduzir as análises de livros didáticos apenas a críticas ideológicas de conteúdo²³²⁴²⁵²⁶. O livro didático é um produto cultural complexo que vai além do que ele contém do ponto de vista normativo²⁷. Sua produção está ligada a várias possibilidades de didatização do saber histórico, e sua utilização pode levar a práticas de leitura diversas. A crítica que se concentra na ausência de conteúdo específico ou na hierarquização de temas é simplista, pois subestima a complexidade do livro didático e seu papel na formação dos leitores. O livro didático não possui o poder de manipular consciências ou memórias, mas a forma como seu conteúdo é apresentado pode influenciar a construção de discursos persuasivos.²⁸

7. FINALIDADES IDEAIS X REALIDADE PEDAGÓGICA

André Chervel²⁹, em sua pesquisa sobre a história das disciplinas escolares, questiona o conceito de disciplina e sua evolução ao longo do tempo. Ele nega a ideia de disciplina como sinônimo de conteúdo, já que aquele conceito se impõe de outra maneira após a primeira guerra mundial. Ele identifica a disciplina como uma diretriz para “disciplinar a alma”, fornecendo métodos e regras para abordar os diversos domínios do pensamento, conhecimento e arte. Chervel destaca a ligação entre a produção do conhecimento e sua origem na escola, salientando que a disciplina se assemelha à ideia de catequese, na qual o conteúdo era passado aos alunos para ser assimilado através do habitus catedrático. As disciplinas escolares são frequentemente analisadas quanto aos seus objetivos ideais, estabelecidos por órgãos legislativos ou autoridades educacionais. Estes objetivos podem

²³SILVA, J. R. da. **LIVRO DIDÁTICO COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: POSSIBILIDADES, QUESTÕES E LIMITES DE ABORDAGEM**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 177–197, 2014.

²⁴ MOLINA, Ana Heloísa. **Imagens em livros didáticos de história: elementos para uma análise das relações imagem/texto/historiografia**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

²⁵ OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a construção do saber histórico escolar**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

²⁶BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZAMBONI, Ernesta. **Os povos originários na literatura escolar: possibilidades de um discurso intercultural**. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

²⁷ MUNAKATA, Kazumi. “**O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação**”. in: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

²⁸ LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História**. Rev. Brasil. História, São Paulo, v. 9, n. 38, p. 125-138, 1999.

²⁹ CHERVEL, André. **L'histoire des disciplines scolaires. Réflexions sur un domaine de recherche**. In: Histoire de l'éducation, n° 38, 1988. pp. 59-119

abranger metas religiosas, sociais, políticas, psicológicas, culturais e outras, refletindo as intenções desejadas para a formação dos alunos e para a contribuição da escola à sociedade.

Por outro lado, a realidade pedagógica refere-se à maneira como as disciplinas são efetivamente ensinadas e aprendidas nas escolas. Isso envolve a observação da prática educacional, o conteúdo do currículo, métodos de ensino, interações entre professores e alunos, e os resultados do ensino. É comum observar uma discrepância entre os objetivos ideais estabelecidos e a maneira como as disciplinas são efetivamente transmitidas, muitas vezes influenciadas pela implementação do currículo, características dos professores e alunos, e os recursos disponíveis. Este trabalho focaliza-se nas finalidades ideais da editora, dos autores, dos professores que avaliaram os livros e os aprovaram, fosse durante os editais do PNLD, fosse nas escolas ao selecioná-los para uso a partir do ano de 2024. Infelizmente não conseguirei avaliar a aplicação de tais materiais diante da realidade pedagógica. Apesar disso, mantenho em vista as palavras de Chervel (1988) “A distinção entre finalidades reais e finalidades de objetivo é uma necessidade imperiosa para o historiador das disciplinas. Ele deve aprender a distingui-las, mesmo que os textos oficiais tenham tendência a misturar umas e outras.”

8. ANÁLISE DO CONTEÚDO- LINHA DO TEMPO E QUESTÕES TEMÁTICAS

A organização das informações coletadas nos 14 livros ocorreu através da plataforma Google Sheets, que permite a criação de planilhas online³⁰. Atribuí uma cor específica a cada livro para representá-lo na planilha e organizei uma linha do tempo que abrange desde o surgimento do partido nazista após a primeira guerra mundial, até a morte de seu líder mais emblemático e conseqüentemente o fim da segunda guerra mundial, pelo menos no ocidente (1919-1945). Além da linha do tempo, criei uma aba dedicada a questões temáticas, com tópicos recorrentes que não necessariamente estão ligados a uma data específica. Reservei mais três abas: uma para análise de imagens, outra para atividades e, por fim, uma para as referências bibliográficas.

Durante o processo de organização, percebi a existência de um certo cânone no ensino da Segunda Guerra Mundial em livros didáticos recentes para o ensino fundamental. A estrutura-base dos conteúdos a respeito do nazismo nos livros analisados é muito semelhante, com variações individuais, divergências historiográficas, diferentes enfoques ou ordens na

³⁰Clique no link abaixo para acessar esses dados na plataforma google sheets:
<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Yqf1VeeowDRep4CmSrQOOKw8Q-ReP9pqP8UTbEGF13g/edit?usp=sharing>

organização dos fatos. Por esse motivo, vou apresentar o que percebo em comum ou complementar entre os livros, indicando em quais essas questões são citadas, e caso haja entre os livros alguma exceção naquele tema específico, também indicarei.

8.1. A CRISE ECONÔMICA NA ALEMANHA PÓS-GUERRA (1918)

De modo geral, o pós-guerra é retratado como um período de profundas transformações geopolíticas. De um lado havia a Europa Ocidental, devastada pela guerra, principalmente nos países que foram derrotados. Esses países tiveram de lidar com graves crises econômicas e políticas³¹. Do outro lado, havia o modelo econômico planejado da União Soviética, que demonstrava sucesso, promovendo rápido crescimento econômico e posicionando o socialismo como uma alternativa viável ao capitalismo em crise.³²

Simultaneamente, os Estados Unidos viviam um auge produtivo, suas construções não haviam sido destruídas pela guerra e se beneficiaram do contexto exportando para a Europa e realizando empréstimos para que os países destruídos conseguissem reconstruir suas cidades.³³ Na Alemanha, ocorreu a proclamação da República de Weimar em novembro de 1918, após a abdicação do kaiser Guilherme II, simbolizando o fim do Império Alemão e a busca por uma nova ordem política.³⁴

Com o término da Primeira Guerra Mundial, iniciaram-se as negociações de paz. O Tratado de Versalhes, imposto à Alemanha, foi extremamente rigoroso, responsabilizando o país pela guerra e impondo pesadas indenizações, perdas territoriais e restrições militares. Os alemães foram proibidos de ter marinha de guerra e força aérea, e seu exército foi limitado a 100 mil homens.³⁵

A Alemanha estava arrasada pela guerra, com cidades destruídas, altos índices de desemprego, inflação e falências atingindo números alarmantes, emergindo uma grave crise econômica. Essas dívidas tornaram a Alemanha extremamente dependente de empréstimos³⁶. Em resposta à crise, o governo da República de Weimar começou a imprimir dinheiro descontroladamente, levando à rápida desvalorização da moeda.³⁷

³¹(SLH, p.82) (AMP, p.96) (JSP, p.90) (HSC, p.126) (VHK, p.84) (.DOC, p.90) (SUP, p.95) (CEV, p.118) (CON, p.104) (ARA, p.72) (JOR, p.102) (11/14)

³²(GAH,p.75) (SLH,p.82) (AMP,p.96) (JSP,p.106) (CEV,p.118) (JOR,p.102) (6/14)

³³(GAH,p.67) (SLH,p.81) (EXP,p.70) (AMP,p.86) (JSP,p.90) (HSC,p.126) (VHK,p.84) (ARA,p.72) (8/14)

³⁴(GAH, p.85) (SLH, p.87) (AMP, p.96) (JSP, p.110) (.DOC,p.90) (SUP, p.95) (CEV, p.120) (CON, p.110) (ARA, p.78) (JOR, p.105) (10/14)

³⁵(GAH, p.85) (SLH, p.87) (EXP, p.80) (AMP, p.96) (JSP, p.91) (HSC, p.135) (VHK, p.94) (.DOC, p.90) (SUP, p.95) (ARA, p.78) (10/14)

³⁶(AMP, p.96) (VHK, p.84) (CON, p.104) (ARA, p.78) (4/14)

³⁷(SLH, p.88) (VHK, p.83) (CEV, p.120) (JOR, p.105) (4/14)

8.2 O SURGIMENTO DO PARTIDO NAZISTA (1919)

No começo de 1919, grupos revolucionários socialistas tentaram tomar o poder na Alemanha a mão armada, mas foram derrotados³⁸. No contexto da crise e instabilidade social que assolava a Alemanha no período pós-Primeira Guerra Mundial, Os discursos da esquerda radical passaram a receber maior aderência, principalmente por parte de trabalhadores e intelectuais³⁹.

Antigos aristocratas, oficiais do exército, a burguesia industrial e financeira, bem como parte da classe média, por outro lado, temiam a propagação do modelo da revolução bolchevique da Rússia em solo alemão.⁴⁰ Os conservadores, em especial, responsabilizavam a República de Weimar pelo desastre, sobretudo pela assinatura do Tratado de Versalhes.⁴¹ Também culpavam Weimar por apoiar os movimentos operários.⁴²

Essa desconfiança contra o Estado democrático liberal e sua capacidade de gerir a sociedade e a economia fomentou a organização de grupos políticos de oposição ao governo, que criticavam a suposta ineficácia da República de Weimar em lidar com a situação. Em Munique, foi fundado o Partido dos Trabalhadores.⁴³ Prometiam restaurar a honra da nação e vingar-se daqueles que lhe causaram sofrimento.⁴⁴ Eles eram nacionalistas, profundamente anti comunistas, autoritários e defendiam o pangermanismo⁴⁵

O exército alemão, interessado em monitorar as atividades do Partido dos Trabalhadores Alemães, enviou Adolf Hitler para essa função; Hitler, porém, acabou por se associar ao grupo⁴⁶, e em 1920, o partido foi rebatizado como Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, conhecido como Partido Nazista. Utilizando das hostilidades como *modus operandi*, os nazistas identificavam inimigos externos, como as potências que impuseram o Tratado de Versalhes, e internos, como judeus, comunistas e o próprio governo de Weimar⁴⁷. O termo socialista na época era usado tanto pela direita quanto pela esquerda.⁴⁸

³⁸ (SLH, p.81) (AMP, p.96) (VHK, p.83) (CEV, p.120) (CON, p.110) (5/14)

³⁹ (SLH, p.81) (.DOC, p.92) (CEV, p.120) (ARA, p.76) (JOR, p.102)(5/14)

⁴⁰(SLH, p.87) (EXP, p.80) (AMP, p.96) (.DOC, p.92) (CEV, p.118) (5/14)

⁴¹(GAH, p.85) (JSP, p.111) (HSC, p.135) (VHK, p.94) (.DOC, p.91) (SUP, p.96) (JOR, p.105) (7/14)

⁴²(GAH, p.85) (.DOC, p.92) (SUP, p.96) (JOR, p.105) (4/14)

⁴³(GAH, p.85) (SLH, p.87) (EXP, p.80) (AMP, p.97) (JSP, p.111) (HSC, p.135) (VHK, p.94) (.DOC, p.91) (SUP, p.95) (CEV, p.120) (CON, p.110) (ARA, p.79) (STH, p.115)(13/14)

⁴⁴(GAH, p.85) (VHK, p.127) (.DOC, p.91) (ARA, p.79) (JOR, p.106) (5/14)

⁴⁵Discutiremos a respeito do pangermanismo no tópico “Questões temáticas: Pangermanismo e Espaço Vital”.

⁴⁶ (AMP, p.97) (.DOC, p.91) (2/14)

⁴⁷(.DOC, p.91) (ARA, p.79) (JOR, p.106) (3/14)

⁴⁸(VHK, p.96) (SUP, p.96) (CON, p.110) (JOR, p.105) (4/14)

8.3. O PUTSCH DE MUNIQUE E A PRODUÇÃO DO MEIN KAMPF (1923)

Em janeiro de 1923, tropas francesas e belgas ocuparam o Vale do Ruhr, a principal área industrial da Alemanha, para pressionar o governo alemão a pagar as indenizações de guerra estipuladas pelo Tratado de Versalhes. Essa ocupação provocou uma grave crise econômica na Alemanha, exacerbada pela desvalorização do marco alemão, que passou de 22 mil marcos por dólar em março de 1923 para 4,2 trilhões de marcos por dólar no final do mesmo ano.⁴⁹

Hitler organizou milícias armadas para perseguir seus adversários políticos, chamadas de Tropas de Assalto e conhecidas pela sigla SA (Sturmabteilung).⁵⁰ Aproveitando o clima de descontentamento popular, o Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler, tentou um golpe de Estado na Baviera em novembro de 1923, que ficou conhecido como Putsch de Munique. Inspirado pela Marcha sobre Roma de Mussolini, o golpe pretendia derrubar o governo da Baviera e, eventualmente, tomar o poder em toda a Alemanha. Contudo, a tentativa fracassou devido à falta de apoio popular e à resistência do governo, resultando na prisão de Hitler e outros líderes nazistas.⁵¹

Embora o movimento nazista fosse ainda fraco e a burguesia alemã não visse em Hitler, um ex-cabo do exército, uma ameaça real aos comunistas, seu fervor anticomunista e nacionalista lhe garantiu uma pena mínima. O julgamento e a cobertura da imprensa subsequente ajudaram a disseminar as ideias nazistas pela Alemanha, servindo de propaganda e preparando o terreno para o crescimento do movimento nos anos seguintes.⁵²

Durante seu encarceramento, Hitler escreveu "Mein Kampf" (Minha Luta), onde expôs as principais ideias nazistas. Neste manifesto, ele articulou os princípios do nazismo, incluindo a superioridade da raça ariana e a crença na necessidade de purificação racial da Alemanha. Hitler expressou um virulento antissemitismo, retratando os judeus como inimigos da nação e responsáveis por muitos dos problemas sociais e econômicos da Alemanha. Ele também atacou o comunismo e o liberalismo econômico, propondo uma alternativa autoritária em que o indivíduo seria completamente subordinado ao Estado. Além disso, defendeu a necessidade de "Lebensraum" (espaço vital) para o povo alemão, justificando a expansão

⁴⁹(SLH, p.88) (CEV, p.120) (STH, p.115) (3/14)

⁵⁰(CEV, p.120) (CON, p.110) (JOR, p.106) (3/14)

⁵¹(SLH, p.88) (EXP, p.80) (HSC, p.135) (VHK, p.94) (.DOC, p.90) (SUP, p.95) (CEV, p.120) (CON, p.110) (8/14)

⁵²(SLH, p.88) (1/14)

territorial e a guerra como meios para alcançar esse objetivo. A publicação de "Mein Kampf" foi fundamental para a disseminação das ideias nazistas.⁵³

8.4. QUESTÕES TEMÁTICAS: O ARIANISMO

Uma questão aguda no governo nazista foi a perseguição institucional à comunidade judaica. Apesar de antissemitismo possuir raízes históricas, com ocorrências em diversos locais ao redor do globo, foi elevado a um nível de devastação industrial no nazismo.⁵⁴ O arianismo era uma doutrina que propagava a suposta superioridade dos povos germânicos, considerados descendentes da "raça ariana". Esta ideologia racista defendia que os alemães "puros" constituíam uma "raça superior" e preconizava a exclusão e perseguição de grupos tidos como "impuros", como judeus, ciganos, negros, eslavos, homossexuais e deficientes. Os nazistas alegavam que a mistura com essas "raças inferiores" prejudicaria a pureza e vigor dos arianos. Hitler e seus seguidores usaram essa concepção para justificar políticas de segregação e genocídio, afirmando que a eliminação dos elementos "indesejáveis" era necessária para preservar a "raça ariana". O objetivo era estabelecer um império exclusivamente ariano, livre de qualquer influência "impura". Em certa medida, o arianismo se associava ao pangermanismo, que advogava pela unificação de todos os povos germânicos em um único Estado.⁵⁵

8.5. CRISE DE 1929 E A GRANDE DEPRESSÃO (1929)

Os livros analisados concordam que a crise econômica nos Estados Unidos em 1929 teve origem na especulação desenfreada e na superprodução industrial sem uma adequada regulação financeira, culminando na quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro daquele ano e desencadeando um colapso no mercado de ações.⁵⁶ Este evento abrupto resultou na perda súbita das economias de milhões de pessoas, na falência em massa de empresas e no aumento significativo do desemprego⁵⁷. Os efeitos se propagam globalmente, afetando de maneira severa países exportadores devido à queda acentuada nos preços de seus produtos. A

⁵³(GAH, p.85) (SLH, p.88) (EXP, p.80) (JSP, p.111) (HSC, p.135) (DOC, p.91) (SUP, p.95) (CON, p.110) (STH, p.115) (9/14)

⁵⁴(GAH, p.85) (SLH, p.88) (EXP, p.80) (AMP, p.97) (JSP, p.146) (HSC, p.135) (.DOC, p.94) (SUP, p.95) (CON, p.110) (STH, p.120) (10/14)

⁵⁵(GAH, p.85) (SLH, p.87) (EXP, p.80) (AMP, p.97) (JSP, p.146) (HSC, p.135) (.DOC, p.91) (SUP, p.95) (CEV, p.121) (CON, p.110) (ARA, p.79)(11/14)

⁵⁶(GAH, p.73) (SLH, p.82) (EXP p.74) (AMP, p.88) (JSP, p.99) (HSC, p.128) (VHK, p.88) (SUP, p.92) (CON, p.105) (ARA, p.72) (10/14)

⁵⁷(GAH, p.74) (SLH, p.82) (EXP, p.74) (AMP, p.88) (JSP, p.101) (DOC, p.92) (SUP, p.92) (CON, p.105) (8/14)

economia da Alemanha, baseada em importações e empréstimos, sucumbiu⁵⁸. A crise exacerbou o desemprego e alimentou um clima de descontentamento social, levando ao fortalecimento de movimentos nacionalistas e autoritários em resposta à incapacidade das democracias em lidar com a crise.⁵⁹

8.6. QUESTÕES TEMÁTICAS: PROPAGANDA NO ESTADO NAZISTA

A ascensão de Hitler e do nazismo ao poder combinou violência, censura e propaganda.⁶⁰ O regime nazista censurou a imprensa, proibiu atividades políticas de partidos rivais e criou uma poderosa máquina de propaganda que influenciou as artes, música, literatura, cinema e até mesmo a pesquisa científica.⁶¹ Goebbels foi essencial na difusão da imagem de Hitler como salvador da Alemanha.⁶² A juventude hitlerista foi moldada por uma educação rigidamente controlada, com censura a revistas, jornais e rádios⁶³. Professores que se negavam a apoiar ideias nazistas eram perseguidos.⁶⁴ O cinema nazista, alinhado ao crescimento do partido desde a campanha de 1930, produziu cerca de 1.350 longas-metragens durante os doze anos de domínio nazista. A propaganda nazista era eficaz devido à sua simplicidade, emotividade e repetitividade, apelando fortemente às emoções das massas.⁶⁵ Ela permeava todos os aspectos da vida cotidiana e da cultura de massa, com grandes desfiles militares, símbolos como a suástica e espetáculos públicos que transmitiam ordem, disciplina e fervor patriótico. A suástica, um antigo símbolo ariano de "boa sorte", foi ressignificada como um emblema de terror, apelando ao nacionalismo e ao sentimento de coesão do povo alemão⁶⁶.

⁵⁸ (GAH, p.74) (SLH, p.82) (EXP, p.74) (AMP, p.92) (VHK, p.95) (CON, p.105) (ARA, p.76) (JOR, p.105) (8/14)

⁵⁹ (SLH, p.83) (EXP, p.74) (AMP, p.92) (HSC, p.136) (VHK, p.95) (DOC, p.92) (SUP, p.94) (CON, p.105) (ARA, p.76) (JOR, p.106) (10/14)

⁶⁰ (SLH, p.90) (EXP, p.80) (AMP, p.98) (JSP, p.112) (HSC, p.142) (CEV, p.121) (CON, p.114) (ARA, p.76) (8/14)

⁶¹ (SLH, p.90) (EXP, p.80) (JSP, p.112) (HSC, p.142) (CEV, p.121) (CON, p.114) (ARA, p.76) (JOR, p.107) (8/14)

⁶² (SLH, p.90) (EXP, p.99) (JSP, p.112) (3/14)

⁶³ (EXP, p.82) (CON, p.114) (2/14)

⁶⁴ (EXP, p.82) (DOC, p.94) (JOR, p.107) (3/14)

⁶⁵ (SLH, p.94) (EXP, p.80) (2/14)

⁶⁶ (VHK, p.95) (DOC, p.91) (CEV, p.121) (CON, p.110) (4/14)

8.7. PARTIDO NAZISTA EM SEGUNDO LUGAR NAS ELEIÇÕES DE 1930, TORNANDO-SE O MAIOR PARTIDO DO PARLAMENTO ALEMÃO (REICHSTAG) EM 1932. (1930-1932)

Com o fortalecimento dos comunistas, a burguesia alemã optou por reagir apoiando o nazismo, formando uma aliança similar à que ocorreu na Itália com os fascistas. A partir da década de 1930, os nazistas contavam com o suporte de industriais, do exército e de uma grande parcela da população alemã⁶⁷. Nas eleições de 1930, o Partido Nazista, disputando as eleições em uma Alemanha com 3 milhões de desempregados e uma crise das democracias liberais, viu seu número de deputados no parlamento aumentar de 12 para 107, tornando-se o segundo partido mais votado⁶⁸. Muitos alemães passaram a ver em Hitler e nas propostas autoritárias e intervencionistas do Partido Nazista uma solução para resgatar o país do caos. Nas eleições de 1932, embora Adolf Hitler tenha perdido a presidência para o marechal Paul von Hindenburg, o Partido Nazista conquistou muitas cadeiras no Reichstag, o Parlamento alemão, tornando-se a maior bancada parlamentar, com cerca de 38% dos deputados.⁶⁹

8.8. HITLER É NOMEADO CHANCELER DA ALEMANHA (1933)

O governo eleito percebeu que não poderia governar sem o apoio dos nazistas, pois os deputados nazistas obstruíam os debates parlamentares, mostrando claro desprezo pela democracia.⁷⁰ Em janeiro de 1933, o presidente da república, Paul von Hindenburg, cedeu às pressões da poderosa burguesia industrial alemã e nomeou Hitler como chanceler, ou seja, chefe de governo do país.⁷¹ Os nazistas incendiaram o Reichstag, responsabilizando os comunistas e utilizando isso como pretexto para decretar estado de emergência, dissolver o Parlamento e instaurar a ditadura nazista.⁷² Em 1933, o partido conseguiu a aprovação de uma lei que dava ao chanceler poder para modificar leis sem a aprovação do presidente ou do Parlamento. Dessa maneira, Hitler dispensou o Parlamento e extinguiu todos os partidos políticos, com exceção do Nazista. No mesmo ano, fundou o Terceiro Reich.⁷³

⁶⁷ (GAH, p.86) (JSP, p.111) (DOC, p.92) (ARA, p.80) (JOR, p.106) (5/14)

⁶⁸ (GAH, p.86) (SLH, p.89) (EXP, p.82) (AMP, p.97) (JSP, p.111) (HSC, p.136) (DOC, p.92) (CON, p.112) (JOR, p.106) (9/14)

⁶⁹ (GAH, p.86) (SLH, p.89) (AMP, p.97) (HSC, p.136) (VHK, p.95) (DOC, p.92) (SUP, p.96) (CON, p.112) (ARA, p.80) (STH, p.115) (10/14)

⁷⁰ (DOC, p.93) (1/14)

⁷¹ (GAH, p.86) (SLH, p.84) (EXP, p.82) (AMP, p.97) (HSC, p.136) (VHK, p.95) (DOC, p.84) (SUP, p.96) (CEV, p.120) (CON, p.112) (ARA, p.80) (JOR, p.106) (STH, p.115) (13/14)

⁷² (GAH, p.86) (SLH, p.89) (AMP, p.98) (HSC, p.136) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (CEV, p.120) (ARA, p.80) (JOR, p.106) (STH, p.116) (10/14)

⁷³ (GAH, p.86) (SLH, p.90) (EXP, p.82) (AMP, p.98) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (CEV, p.120) (ARA, p.80) (JOR, p.106) (9/14)

Quando Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha como chanceler, em 1933, ele iniciou várias ações para fortalecer o país, contrariando as cláusulas estabelecidas pelo Tratado de Versalhes de 1919.⁷⁴ Apoiado pela opinião pública, Hitler considerava as exigências do tratado injustas e declarou que a Alemanha não cumpriria mais suas determinações. Uma das medidas tomadas por Hitler foi restabelecer o serviço militar obrigatório, além de adquirir diversas armas e veículos bélicos, aumentando e fortalecendo o exército alemão.⁷⁵ O regime nazista prendeu tantos opositores políticos, especialmente social-democratas e comunistas, que construiu um campo de concentração em Dachau, inicialmente com capacidade para 5 mil pessoas.⁷⁶ Hitler fechou jornais e sindicatos, dissolveu partidos políticos, ordenou a queima de livros, demitiu democratas e comunistas de seus empregos e perseguiu os judeus⁷⁷. Ele investiu na indústria de base, em obras públicas e na fabricação de armas, mas manteve e aumentou o poder dos trustes, sem melhorar as condições de trabalho.⁷⁸

8.9. PAUL VON HINDENBURG MORRE, HITLER TORNA-SE FUHRER. (1934)

Em 1934, após a morte do presidente Hindenburg, Hitler ascendeu ao cargo de Führer, consolidando-se como o líder supremo do Reich.⁷⁹ Sob sua liderança, a Gestapo assumiu o controle da censura e da perseguição política na Alemanha, reprimindo opositores e grupos considerados ameaças à pureza nacional.⁸⁰ Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, diferentemente do clima de entusiasmo que precedeu o primeiro conflito, as grandes potências estavam mais preocupadas com a recuperação econômica após a Grande Depressão de 1929 e em preservar seus próprios interesses, o que foi nomeado por 9 dos livros analisados como política de apaziguamento.⁸¹

⁷⁴ (SLH, p.90) (HSC, p.144) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (SUP, p.97) (CEV, p.121) (ARA, p.81) (STH, p.119) (8/14)

⁷⁵ (GAH, p.86) (SLH, p.90) (JSP, p.146) (HSC, p.144) (VHK, p.128) (DOC, p.93) (SUP, p.97) (CEV, p.121) (STH, p.119) (9/14)

⁷⁶ (SLH, p.90) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (CEV, p.120) (CON, p.112) (ARA, p.80) (JOR, p.106) (STH, p.116) (8/14)

⁷⁷ (SLH, p.90) (VHK, p.95) (CEV, p.120) (3/14)

⁷⁸ (SLH, p.90) (HSC, p.137) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (CEV, p.121) (5/14)

⁷⁹ (SLH, p.89) (EXP, p.82) (AMP, p.98) (HSC, p.137) (VHK, p.95) (DOC, p.93) (SUP, p.96) (CON, p.112) (8/14)

⁸⁰ (GAH, p.86) (SLH, p.90) (EXP, p.82) (AMP, p.98) (HSC, p.137) (DOC, p.94) (CEV, p.120) (7/14)

⁸¹ (GAH, p.98) (EXP, p.91) (AMP, p.107) (JSP, p.144) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (ARA, p.84) (STH, p.119) (9/14)

8.10. LEIS RACISTAS NA ALEMANHA NAZISTA (1935)

As Leis de Nuremberg, promulgadas pelo regime nazista em 1935, institucionalizaram o antissemitismo e marcaram uma política de Estado discriminatória e excludente contra os judeus⁸². Essas leis proibiram o casamento e relações extramatrimoniais entre judeus e alemães de "sangue ariano", buscando preservar a suposta pureza racial ariana⁸³. Além disso, retiraram dos judeus o direito à cidadania alemã, limitando severamente sua participação em funções públicas e impondo uma série de restrições sociais e econômicas.⁸⁴ As medidas incluíam também a proibição de judeus empregarem cidadãos alemães jovens em suas casas e restrições quanto ao uso de certos serviços e espaços públicos.⁸⁵ A segregação promovida por essas leis não apenas isolou os judeus da sociedade alemã, mas também facilitou a expropriação de seus bens e a identificação pública dos judeus, que eram obrigados a usar a estrela de Davi.⁸⁶

Em relação ao tema de racismo na Alemanha nazista, o livro *Conexões e Vivências* se impõe como uma exceção ao apontar o racismo que ocorria contra pessoas negras na Alemanha nesse período. Antes da ascensão de Hitler ao poder, a comunidade negra na Alemanha, composta principalmente por descendentes de soldados coloniais africanos e mulheres alemãs, enfrentou discriminação crescente à medida que o movimento nazista ganhava força. Com a implementação das Leis de Nuremberg em 1935, que visavam preservar a pureza racial ariana, os alemães negros também foram alvo. Essas leis restringiram severamente os direitos civis dos judeus alemães, mas também foram aplicadas aos negros alemães, privando-os da cidadania e proibindo casamentos e relações sexuais com pessoas de "sangue alemão". A educação das crianças negras foi duramente afetada, com exclusão oficial das escolas a partir de 1941 e abusos raciais frequentes nas salas de aula antes deste período. Além disso, a política nazista de eugenia resultou na esterilização forçada de muitos alemães negros, especialmente aqueles em relacionamentos mistos.⁸⁷

8.11. QUESTÕES TEMÁTICAS: PANGERMANISMO E ESPAÇO VITAL

O pangermanismo defendia a unificação de todos os povos de língua alemã em um único Estado-nação, buscando a formação da "Grande Alemanha". Este projeto envolvia a incorporação de territórios além das fronteiras alemãs, especialmente na Europa Oriental,

⁸² (AMP, p.118) (HSC, p.137) (VHK, p.98) (DOC, p.94) (SUP, p.104) (CON, p.113) (STH, p.132) (7/14)

⁸³ (AMP, p.118) (HSC, p.137) (VHK, p.98) (DOC, p.94) (CON, p.113) (JOR, p.107) (6/14)

⁸⁴ (AMP, p.118) (HSC, p.137) (VHK, p.98) (DOC, p.94) (SUP, p.104) (5/14)

⁸⁵ (AMP, p.118) (DOC, p.94) (CON, p.113) (JOR, p.107) (4/14)

⁸⁶ (VHK, p.98) (DOC, p.96) (SUP, p.104) (JOR, p.107) (4/14)

⁸⁷ (CEV, p.122) (1/14)

onde habitavam populações germanófonas⁸⁸. Paralelamente, o conceito de "espaço vital" (Lebensraum), desenvolvido pelo geógrafo Friedrich Ratzel, postulava que um povo necessitava de um território amplo e rico em recursos naturais para garantir seu pleno desenvolvimento. Sob o regime nazista, essa tese justificava a necessidade de expansão territorial para proporcionar ao povo alemão as condições ideais de vida e prosperidade, um objetivo que incluía a anexação de terras e a subjugação de povos considerados "inferiores".⁸⁹

8.12. CRISE DA REMILITARIZAÇÃO DA RENÂNIA (1936)

Em 1936, Adolf Hitler iniciou sua estratégia de expansão territorial, motivado pela intenção de recuperar os territórios perdidos após a Primeira Guerra Mundial, ampliar as fronteiras alemãs para acessar recursos naturais abundantes, e unificar étnica e culturalmente todos os alemães dispersos pelos países vizinhos em uma grande nação "ariana". Este plano expansionista foi manifestado pela ocupação militar da Renânia, uma região alemã adjacente à fronteira com a Bélgica e a França, contrariando as disposições do Tratado de Versalhes que estabeleciam a desmilitarização desta área.⁹⁰

8.13. FORMAÇÃO DO EIXO (1936)

Para defender seus interesses, os países se agrupam em blocos ideológicos: democracias liberais (Inglaterra, França e EUA), regimes autoritários capitalistas (Itália, Alemanha, Espanha, Grécia, Polônia e Turquia) e a União Soviética isolada. Foram firmados acordos de não agressão entre blocos distintos. Em 1936, Alemanha e Itália formaram o Eixo Roma-Berlim, liderado por Hitler e Mussolini, que buscavam expansão territorial.⁹¹ No mesmo ano, a Alemanha nazista assinou com o Japão (que também tinha um governo autoritário e expansionista) o Pacto Anticomintern, contra a Internacional Comunista. Já com a guerra iniciada, em 1940, foi assinado o Pacto Tripartite, que estabelecia defesa mútua entre os três países, e assim foi formado o Eixo⁹².

⁸⁸ (GAH, p.85) (SLH, p.87) (AMP, p.97) (JSP, p.146) (DOC, p.101) (ARA, p.80) (STH, p.120) (7/14)

⁸⁹ (ARA, p.80) (1/14)

⁹⁰ (GAH, p.98) (SLH, p.99) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (SUP, p.97) (6/14)

⁹¹ (GAH, p.96) (SLH, p.98) (AMP, p.107) (JSP, p.150) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (CEV, p.121) (CON, p.117) (ARA, p.83) (JOR, p.112) (10/14)

⁹² (GAH, p.96) (SLH, p.98) (JSP, p.150) (HSC, p.145) (JOR, p.112) (5/14)

8.14. OLIMPIÁDAS NA ALEMANHA NAZISTA (1936)

Nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, organizados por Hitler para demonstrar a superioridade alemã, destacaram-se os atletas negros estadunidenses, especialmente Jesse Owens, cujas vitórias desmentiram as ideias racistas nazistas⁹³.

8.15. ANEXAÇÃO DA ÁUSTRIA (ANSCHLUSS) (1938)

Em 1938, apesar das expectativas dos países europeus em conter o avanço hitlerista, o governante da Alemanha quebrou novamente acordos internacionais. Sem disparar um único tiro, o exército nazista invadiu e anexou a Áustria aos seus domínios.⁹⁴ Desde o ano anterior, o Partido Nazista austríaco, com apoio alemão, minava o governo do chanceler Kurt Schuschnigg, levando à sua renúncia em março de 1938. Aproveitando-se da situação, os alemães realizaram a anexação, conhecida como Anschluss, neutralizando qualquer movimento de resistência.⁹⁵ Os nazistas austríacos promoveram uma campanha argumentando que alemães e austríacos eram um só povo germânico, uma narrativa que se beneficiava de o fato de Hitler ser austríaco por nascimento.⁹⁶

8.16. QUESTÕES TEMÁTICAS: BLITZKRIEG

A Blitzkrieg, ou guerra-relâmpago, foi uma tática militar empregada pela Alemanha nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, caracterizada por ataques rápidos e fulminantes que visavam a conquistar territórios de forma eficiente e surpreendente. Temendo a união de seus opositores, os alemães iniciaram o conflito com essa estratégia, que combinava o uso de tanques blindados (Panzers) e aeronaves militares, como os bombardeiros Stukas, para destruir pontos críticos de defesa inimiga, incluindo meios de comunicação e ferrovias. Após o bombardeio aéreo, as divisões de tanques avançavam rapidamente, seguidas pela infantaria motorizada, consolidando a ocupação.⁹⁷ Essa abordagem permitiu à Alemanha invadir e ocupar vários países europeus, incluindo Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e França, entre 1939 e 1940.⁹⁸

⁹³ (HSC, p.138) (CON, p.102) (2/14)

⁹⁴(GAH, p.98) (SLH, p.99) (EXP, p.91) (AMP, p.107) (JSP, p.150) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (SUP, p.97) (CEV, p.127) (CON, p.117) (ARA, p.84) (JOR, p.112) (STH, p.120) (14/14)

⁹⁵(GAH, p.98) (VHK, p.128) (2/14)

⁹⁶(GAH, p.98) (EXP, p.91) (JSP, p.150) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (STH, p.120) (6/14)

⁹⁷(GAH, p.99) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (JSP, p.153) (HSC, p.146) (VHK, p.130) (DOC, p.103) (JOR, p.113) (STH, p.124) (9/14)

⁹⁸ (GAH, p.99) (SLH, p.100) (JSP, p.153) (HSC, p.146) (VHK, p.130) (DOC, p.103) (CON, p.118) (JOR, p.113) (STH, p.124) (9/14)

8.17. ANEXAÇÃO DA TCHECOSLOVÁQUIA E POLÍTICA DE APAZIGUAMENTO (1938)

No mesmo ano, Hitler voltou suas atenções para os Sudetos, uma região da Tchecoslováquia com maioria étnica alemã. Com o apoio do Partido Nazista local, ele pressionou o governo tcheco a ceder os Sudetos à Alemanha.⁹⁹ Diante da iminente ameaça à integridade territorial da Tchecoslováquia, foi convocada a Conferência de Munique, envolvendo Alemanha, Reino Unido, França e Itália.¹⁰⁰ Na conferência, Hitler declarou que essa seria sua última demanda territorial na Europa, enquanto os representantes dos demais países concordaram com a anexação, sem consultar o governo tcheco.¹⁰¹ Esse acordo foi interpretado por 10 dos livros como uma concessão significativa à Alemanha nazista, reforçando a percepção dos governos ocidentais de que o Nazismo representava um obstáculo à possível expansão soviética para a Europa Ocidental. Poucos meses depois, Hitler expandiu sua ocupação sobre o restante da Tchecoslováquia. No mesmo período, a Eslováquia declarou sua independência e alinou-se ao regime nazista.¹⁰²

8.18. PACTO NAZI-SOVIÉTICO DE NÃO AGRESSÃO E A INVASÃO DA POLÔNIA (1939)

Em 1º de setembro de 1939, as forças armadas alemãs iniciaram a invasão da Polônia, alegando que o país havia se recusado a ceder a cidade de Dantzig (atual Gdansk) ao Reich, uma área habitada principalmente por alemães e crucial para a ligação com a Prússia Oriental.¹⁰³ Esta invasão foi precedida por dois acordos internacionais significativos no mesmo ano. Em maio de 1939, Alemanha e Itália fascista de Mussolini assinaram um pacto de defesa mútua, comprometendo-se a apoiar-se em caso de agressão.¹⁰⁴ No entanto, o acordo mais impactante ocorreu alguns meses depois, quando Hitler e Josef Stálin, líder da União Soviética, estabeleceram o Pacto Nazi-Soviético de Não Agressão. Este pacto garantia a

⁹⁹ (GAH, p.98) (SLH, p.99) (EXP, p.91) (AMP, p.107) (JSP, p.151) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (SUP, p.97) (CEV, p.127) (ARA, p.84) (JOR, p.112) (STH, p.120) (13/14)

¹⁰⁰ (GAH, p.98) (SLH, p.99) (EXP, p.91) (AMP, p.107) (JSP, p.151) (HSC, p.145) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (ARA, p.84) (STH, p.120) (10/14)

¹⁰¹ (HSC, p.145) (VHK, p.128) (ARA, p.84) (3/14)

¹⁰² (GAH, p.98) (EXP, p.91) (JSP, p.151) (HSC, p.146) (VHK, p.128) (DOC, p.101) (SUP, p.97) (CON, p.117) (ARA, p.84) (STH, p.120) (10/14)

¹⁰³ (GAH, p.99) (SLH, p.99) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (JSP, p.151) (HSC, p.146) (VHK, p.129) (SUP, p.103) (CEV, p.128) (CON, p.117) (ARA, p.84) (STH, p.124) (12/14)

¹⁰⁴ (GAH, p.99) (HSC, p.146) (VHK, p.129) (SUP, p.103) (4/14)

neutralidade soviética no conflito e incluía um acordo para dividir o território polonês entre Alemanha e União Soviética.¹⁰⁵

Menos de uma semana após a invasão alemã, em 1º de setembro de 1939, as tropas soviéticas também invadiram a Polônia pelo leste¹⁰⁶, enquanto as tropas nazistas recuperaram o Corredor Polonês, encerrando a política de apaziguamento na Europa. Dois dias depois, França e Reino Unido declararam guerra à Alemanha, marcando o início da Segunda Guerra Mundial.¹⁰⁷ Em resposta, a Alemanha bloqueou os acessos que as forças aliadas poderiam utilizar para socorrer a Polônia. Pouco depois, a União Soviética lançou invasões na Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia e partes da Polônia e Finlândia, numa tentativa de impedir a expansão nazista na região¹⁰⁸.

8.19. ANEXAÇÃO DA DINAMARCA E NORUEGA (1940)

De setembro de 1939 a abril de 1940, a guerra limitou-se principalmente a combates navais, onde os submarinos alemães buscavam desestabilizar o comércio britânico.¹⁰⁹ No entanto, a partir de abril, as forças nazistas começaram uma série de ofensivas que levaram à rápida conquista de vários países europeus. Os exércitos britânicos e franceses estavam despreparados para enfrentar a Blitzkrieg, resultando na queda da Polônia, Noruega, Holanda, Bélgica e grande parte da França em poucos meses.¹¹⁰ Em junho de 1940, Paris foi ocupada pelos nazistas, e a França foi dividida em duas zonas: o norte sob controle direto alemão e o sul administrado por um governo pró-nazista, conhecido como República de Vichy.¹¹¹ Após dominar a França, a Luftwaffe iniciou uma série de ataques aéreos contra o Reino Unido na Batalha da Inglaterra, que se estendeu de julho a outubro de 1940.¹¹² Os nazistas ainda tentaram invadir a Inglaterra, mas os ingleses, valendo-se da invenção do radar, instrumento de localização ainda desconhecido dos alemães, conseguiram impedir seu avanço.¹¹³ Durante este período, a Alemanha, ligada à União Soviética pelo pacto de não agressão, disputava a

¹⁰⁵ (GAH, p.99) (SLH, p.99) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (JSP, p.151) (HSC, p.146) (VHK, p.129) (DOC, p.102) (SUP, p.103) (CEV, p.127) (ARA, p.84) (JOR, p.112) (STH, p.124) (13/14)

¹⁰⁶ (GAH, p.99) (SLH, p.100) (HSC, p.146) (VHK, p.129) (SUP, p.103) (STH, p.124) (6/14)

¹⁰⁷ (GAH, p.99) (SLH, p.99) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (JSP, p.151) (HSC, p.146) (VHK, p.129) (DOC, p.102) (SUP, p.103) (CON, p.117) (ARA, p.84) (STH, p.124) (12/14)

¹⁰⁸ (GAH, p.99) (VHK, p.129) (2/14)

¹⁰⁹ (GAH, p.99) (JSP, p.152) (2/14)

¹¹⁰ (GAH, p.99) (SLH, p.100) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (JSP, p.152) (HSC, p.146) (VHK, p.130) (DOC, p.103) (SUP, p.103) (CEV, p.129) (ARA, p.86) (11/14)

¹¹¹ (GAH, p.99) (SLH, p.100) (JSP, p.152) (HSC, p.146) (VHK, p.131) (DOC, p.103) (CEV, p.129) (7/14)

¹¹² (GAH, p.99) (SLH, p.100) (EXP, p.92) (JSP, p.152) (HSC, p.147) (VHK, p.131) (DOC, p.105) (SUP, p.103) (CEV, p.129) (CON, p.118) (10/14)

¹¹³ (SLH, p.100) (EXP, p.92) (AMP, p.108) (CON, p.118) (STH, p.124) (5/14)

influência na península Balcânica e transformou a Romênia e a Bulgária em países-satélites¹¹⁴. Ao mesmo tempo, em represália aos bombardeios alemães sobre Londres, os britânicos bombardearam Berlim.¹¹⁵

8.20. OPERAÇÃO BARBAROSSA: NAZISTAS INVADEM A UNIÃO SOVIÉTICA (1941)

Embora não tivessem sido derrotados, os britânicos encontravam-se isolados, o que encorajou Hitler a expandir seus territórios, quebrar o Pacto Nazi-Soviético de Não Agressão e lançar a invasão da União Soviética em junho de 1941, conhecida como Operação Barbarossa.¹¹⁶ A Operação representou a maior ofensiva alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Esta campanha foi motivada pela necessidade de recursos naturais, como petróleo, carvão e gás natural, fundamentais para sustentar a máquina de guerra alemã, além do ódio de Hitler ao bolchevismo e seu desprezo pelos povos eslavos.¹¹⁷ A ofensiva começou com sucessos esmagadores para os alemães, avançando rapidamente até os arredores de Moscou ao longo de uma frente de 2.900 quilômetros nas fronteiras soviéticas.¹¹⁸ Em resposta ao avanço alemão, os soviéticos adotaram a tática da terra arrasada, destruindo plantações, abrigos e suprimentos que poderiam ser usados pelos invasores.¹¹⁹ No final de 1941, a chegada do rigoroso inverno russo, com temperaturas chegando a -40 °C, dificultou ainda mais o progresso do exército alemão, cujos soldados não estavam adequadamente preparados para enfrentar o clima severo.¹²⁰

A primeira grande derrota alemã em solo soviético ocorreu na Batalha de Moscou, entre outubro e dezembro de 1941. As chuvas de outono transformaram os arredores de Moscou em pântanos, dificultando o progresso alemão e fortalecendo a resistência soviética. As forças soviéticas conseguiram impedir a conquista da capital, resultando na perda de mais de milhares de soldados alemães, com outros milhares incapacitados por ferimentos ou doenças.¹²¹ Além disso, Hitler teve de desviar parte de suas tropas da Operação Barbarossa para apoiar Mussolini, cujas campanhas no norte da África e na Grécia encontravam dificuldades, minando ainda mais o esforço alemão na Frente Oriental.

¹¹⁴ (GAH, p.101) (ARA, p.86) (STH, p.126) (3/14)

¹¹⁵ (VHK, p.137) (DOC, p.105) (2/14)

¹¹⁶ (GAH, p.101) (SLH, p.101) (EXP, p.94) (AMP, p.108) (JSP, p.153) (HSC, p.148) (VHK, p.132) (DOC, p.106) (CEV, p.129) (ARA, p.87) (JOR, p.113) (STH, p.126) (12/14)

¹¹⁷ (GAH, p.101) (EXP, p.94) (JSP, p.153) (HSC, p.148) (VHK, p.132) (DOC, p.106) (STH, p.126) (7/14)

¹¹⁸ (GAH, p.101) (SLH, p.105) (EXP, p.95) (JSP, p.153) (HSC, p.148) (VHK, p.132) (DOC, p.106) (SUP, p.103) (ARA, p.87) (JOR, p.113) (STH, p.126) (11/14)

¹¹⁹ (GAH, p.101) (SLH, p.101) (EXP, p.95) (AMP, p.108) (JSP, p.153) (HSC, p.148) (VHK, p.133) (7/14)

¹²⁰ (GAH, p.101) (SLH, p.101) (HSC, p.148) (VHK, p.133) (DOC, p.106) (ARA, p.87) (6/14)

¹²¹ (SLH, p.105) (EXP, p.95) (VHK, p.133) (DOC, p.108) (SUP, p.103) (STH, p.126) (6/14)

8.21. BATALHA DE STALINGRADO (1942)

A Batalha de Stalingrado ocorreu entre julho de 1942 e fevereiro de 1943, foi um dos confrontos mais decisivos da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, os alemães, ao desistirem temporariamente da conquista da capital soviética, voltaram sua atenção para a região do Cáucaso, rica em petróleo e com importantes centros industriais.¹²² Para acessar essa região, os nazistas precisavam tomar Stalingrado, localizada estrategicamente às margens do Rio Volga. Além de ser um centro industrial crucial, Stalingrado tinha um enorme valor simbólico, pois seu nome significava "cidade de Stálin".¹²³ A cidade foi bombardeada e invadida por tanques do exército nazista¹²⁴, mas os soviéticos adotaram a tática de atrair os alemães para os escombros e lutar corpo a corpo, aumentando significativamente o número de baixas.¹²⁵ Novamente, o rigoroso inverno puniu os alemães, cujas armas e uniformes não eram adequados para o frio extremo. Em contraste, os soviéticos estavam bem-adaptados às condições climáticas.¹²⁶ A derrota alemã em Stalingrado foi a primeira desde o início do conflito e marcou um ponto de virada crucial, evidenciando a capacidade soviética de resistir e contra-atacar. Ao final, cerca de 100 mil soldados nazistas, debilitados pelo frio, fome e doenças, foram capturados.¹²⁷ Após Stalingrado, os soviéticos contra-atacaram, forçando os nazistas a recuar e libertando países ocupados como Bulgária, Romênia, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia.¹²⁸ A partir de 1943, o exército soviético começou a marchar em direção a Berlim, marcando a primeira frente de luta dos Aliados contra o Eixo. Em 1943 os soviéticos derrotaram os nazistas na Batalha de Kursk, considerada o maior confronto de tanques da Segunda Guerra Mundial.¹²⁹

8.22. O DIA D (1944)

Diante das dificuldades em invadir a Europa através da Itália, os Aliados elaboraram um novo plano, focando nas praias da Normandia, na França. Para despistar as defesas nazistas, eles divulgaram informações conflitantes sobre o local e a data do ataque¹³⁰. Em 6 de junho de 1944, conhecido como Dia D, as forças aliadas desembarcaram em território francês,

¹²² (SLH, p.105) (EXP, p.95) (AMP, p.108) (HSC, p.148) (VHK, p.133) (DOC, p.109) (SUP, p.110) (CEV, p.129) (ARA, p.88) (JOR, p.113) (STH, p.126) (11/14)

¹²³ (SLH, p.105) (EXP, p.95) (AMP, p.108) (HSC, p.148) (VHK, p.133) (DOC, p.109) (6/14)

¹²⁴ (SLH, p.105) (AMP, p.108) (JSP, p.155) (VHK, p.133) (DOC, p.109) (JOR, p.113) (STH, p.126) (7/14)

¹²⁵ (VHK, p.133) (CEV, p.129) (2/14)

¹²⁶ (GAH, p.101) (AMP, p.108) (VHK, p.133) (SUP, p.105) (4/14)

¹²⁷ (SLH, p.105) (AMP, p.108) (JSP, p.155) (HSC, p.148) (VHK, p.133) (DOC, p.109) (SUP, p.105) (CEV, p.129) (CON, p.120) (ARA, p.88) (STH, p.126) (11/14)

¹²⁸ (AMP, p.114) (HSC, p.148) (DOC, p.114) (ARA, p.88) (STH, p.126) (5/14)

¹²⁹ (SLH, p.105) (JSP, p.155) (2/14)

¹³⁰ (HSC, p.148) (1/14)

realizando intensos bombardeios aéreos e navais contra o exército alemão, que respondeu de forma violenta. Surpreendidos e em desvantagem numérica, os alemães resistiram tenazmente, mas sem sucesso.¹³¹

Em julho de 1944, na Baviera, Adolf Hitler sobreviveu a um atentado a bomba durante uma reunião em seu quartel-general, planejado por oficiais do próprio exército nazista, que foram posteriormente capturados e executados.¹³² Em 15 de agosto, um novo desembarque de tropas aliadas ocorreu na França, desta vez no Mediterrâneo, abrindo uma frente de combate ao sul. A Alemanha estava agora lutando em três frentes, e sua derrota se tornava inevitável.¹³³ Em 24 de agosto, Paris foi libertada. Hitler mobilizou toda a população alemã, incluindo idosos, mulheres e crianças, mas foi em vão.¹³⁴

8.23. ALEMANHA ASSINA A RENDIÇÃO EM MAIO, ENCERRANDO A GUERRA NA EUROPA.(1945)

Em 1945, a Alemanha se encontrava em uma situação de colapso militar e político. Em janeiro, as tropas nazistas já não conseguiam mais resistir às investidas das forças Aliadas. No oeste, as forças americanas e britânicas haviam libertado a França, Bélgica e Holanda, enquanto no leste, o exército soviético avançava implacavelmente, libertando países como Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Eslováquia e Áustria, antes de marchar em direção a Berlim¹³⁵. Em 25 de abril, as tropas soviéticas entraram em Berlim, enfrentando resistência insuficiente devido à falta de munição e alimentos, e ao grande número de deserções.¹³⁶

A queda final de Berlim ocorreu em 2 de maio, após o suicídio de Hitler em 30 de abril, e a rendição incondicional da Alemanha em 9 de maio de 1945, marcando o fim da guerra na Europa.¹³⁷ A devastação causada pela guerra deixou milhões de mortos e uma Alemanha destruída. A Conferência de Potsdam, realizada em 1945, estabeleceu os termos de paz, dividindo a Alemanha e Berlim entre os Aliados, impondo indenizações e marcando o início da rivalidade entre os blocos capitalista, liderado pelos EUA, e comunista, liderado pela União Soviética.¹³⁸ Entre 1945 e 1946, um tribunal militar internacional foi instalado em

¹³¹ (GAH, p.103) (SLH, p.105) (EXP, p.95) (AMP, p.114) (JSP, p.158) (HSC, p.148) (VHK, p.137) (DOC, p.111) (SUP, p.105) (CEV, p.132) (ARA, p.88) (STH, p.130) (12/14)

¹³²(JSP p.155) (.DOC, p.116) (2/14)

¹³³(HSC, p.148) (1/14)

¹³⁴ (SLH, p.107) (HSC, p.148) (VHK, p.137) (DOC, p.111) (SUP, p.105) (5/14)

¹³⁵ (GAH, p.103) (JSP, p.159) (HSC, p.153) (DOC, p.114) (4/14)

¹³⁶ (SLH, p.107) (JSP, p.159) (DOC, p.114) (SUP, p.105) (CEV, p.132) (CON, p.120) (6/14)

¹³⁷ (GAH, p.103) (SLH, p.107) (EXP, p.99) (AMP, p.114) (JSP, p.159) (DOC, p.115) (SUP, p.105) (CEV, p.132) (CON, p.120) (ARA, p.88) (STH, p.130) (11/14)

¹³⁸ (DOC, p.115) (CON, p.120) (2/14)

Nuremberg para julgar os principais líderes nazistas por crimes contra a humanidade, resultando na condenação de vários deles, com onze sendo sentenciados à morte por enforcamento.¹³⁹

8.24. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - GUETOS

Em 1939, com a invasão da Polônia, os nazistas iniciaram a criação dos guetos, áreas urbanas cercadas por muros e arames farpados onde os judeus eram confinados, proibidos de circular livremente e submetidos a toques de recolher.¹⁴⁰ O propósito dos guetos era isolar os judeus do restante da população, restringindo sua liberdade de movimento e submetendo-os a condições de vida desumanas. As condições de vida dentro dos guetos eram terríveis. A superlotação era extrema, com muitas famílias sendo obrigadas a compartilhar pequenos espaços. A escassez de alimentos era severa, e os poucos mantimentos fornecidos eram de qualidade nutricional muito baixa.¹⁴¹ A falta de higiene, combinada com a desnutrição e a superlotação, resultava em frequentes epidemias, que causavam inúmeras mortes.¹⁴²

8.25. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Projetados inicialmente para prisioneiros políticos e grupos considerados "indesejáveis" pelo regime nazista, os campos de concentração se espalharam por toda a Europa ocupada, especialmente na Polônia e Alemanha.¹⁴³ Ao chegar nos campos de concentração, os prisioneiros eram submetidos a triagens, onde tinham seus pertences confiscados e eram despídos e raspados, nenhum objeto de valor poderia entrar com eles, nem mesmo próteses em caso de deficiências físicas.¹⁴⁴

Os presos trabalhavam em turnos diários de mais de 10 horas, em diversas atividades exaustivas, como na construção de estradas, na indústria química, na mineração, entre outras.

¹⁴⁵ A alimentação normalmente era composta de pão, café e sopa de batatas, mas só era

¹³⁹ (EXP, p.99) (JSP, p.159) (HSC, p.154) (VHK, p.143) (CON, p.120) (STH, p.132) (6/14)

¹⁴⁰ (SLH, p.102) (EXP, p.97) (AMP, p.118) (VHK, p.98) (DOC, p.103) (SUP, p.104) (ARA, p.92) (JOR, p.171) (STH, p.132) (9/14)

¹⁴¹ (SLH, p.102) (EXP, p.97) (AMP, p.118) (JSP, p.166) (VHK, p.140) (DOC, p.103) (SUP, p.105) (CON, p.116) (ARA, p.92) (STH, p.132) (10/14)

¹⁴² (SUP, p.105) (1/14)

¹⁴³ (GAH, p.100) (SLH, p.102) (EXP, p.97) (AMP, p.118) (JSP, p.166) (VHK, p.140) (DOC, p.94) (SUP, p.105) (CEV, p.131) (CON, p.116) (STH, p.132) (11/14)

¹⁴⁴ (JSP, p.166) (DOC, p.113) (SUP, p.105) (CEV, p.131) (4/14)

¹⁴⁵ (GAH, p.100) (SLH, p.102) (AMP, p.118) (JSP, p.166) (SUP, p.105) (CEV, p.131) (CON, p.116) (JOR, p.116) (8/14)

disponibilizada a quantidade mínima necessária para a sobrevivência.¹⁴⁶ Os presos dormiam em barracões com instalações precárias, no chão ou em beliches forrados com capim.¹⁴⁷ Além dos horrores cotidianos, os campos também serviram como centros de extermínio em massa, onde milhões de pessoas, incluindo judeus, foram sistematicamente assassinadas em câmaras de gás ou por outras formas de execução.¹⁴⁸

Entre as mulheres levadas aos campos de concentração, mais de 100 mil passaram por um campo exclusivamente feminino: Ravensbruck, na Alemanha. Nesse local, elas eram obrigadas a trabalhar em fábricas e a costurar uniformes nazistas. Mulheres não judias eram forçadas a trabalhar em bordéis para soldados nazistas, enquanto outras eram submetidas a esterilizações forçadas¹⁴⁹. Ravensbruck foi um dos últimos campos a serem libertados, em 30 de abril de 1945, quando a Cruz Vermelha e o Exército Soviético chegaram ao local. Atualmente, Ravensbruck abriga um memorial dedicado às vítimas dos horrores nazistas, um símbolo do combate à violência contra a mulher.¹⁵⁰

8.26. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS

Os prisioneiros também eram submetidos a experiências “científicas”, servindo de cobaias humanas. Nessas experiências, eram obrigados a ingerir substâncias tóxicas e soluções contaminadas com bactérias; passavam por transplantes de órgãos¹⁵¹; eram expostos a altas e baixas temperaturas com o objetivo de testar sua resistência; além de sofrer esterilizações, amputações e outras atrocidades.¹⁵² Uma das experiências mais trágicas foi a utilização de crianças ciganas como cobaias para testes de gás Zyklon B em 1940, evidenciando a desumanização extrema¹⁵³. Além disso, a política de esterilização compulsória e eutanásia visava eliminar indivíduos considerados "indesejáveis", como os deficientes, como parte de uma busca por uma suposta perfeição racial.

¹⁴⁶(SUP, p.105) (1/14)

¹⁴⁷ (JSP, p.166) (SUP, p.105) (CEV, p.131) (3/14)

¹⁴⁸ (GAH, p.100) (SLH, p.102) (EXP, p.97) (AMP, p.118) (JSP, p.167) (VHK, p.141) (.DOC, p.94) (SUP, p.105) (CEV, p.131) (STH, p.132) (10/14)

¹⁴⁹ (SUP, p.105) (JOR, p.116) (2/14)

¹⁵⁰ (AMP, p.120) (SUP, p.105) (2/14)

¹⁵¹ (.DOC, p.113) (ARA, p.81) (STH, p.116) (3/14)

¹⁵² (JSP, p.167) (DOC, p.113) (CON, p.116) (3/14)

¹⁵³ (CON, p.117) (1/14)

8.27. QUESTÕES TEMÁTICAS: OS HORRORES DO NAZISMO - HOLOCAUSTO(SHOAH) E GENOCÍDIO

O Holocausto, também conhecido pelo termo hebraico Shoah, que significa "catástrofe", foi um genocídio sistemático e brutal perpetrado pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial, resultando na morte de cerca de seis milhões de judeus.¹⁵⁴ Esse extermínio foi parte da "solução final para a questão judaica"¹⁵⁵, uma ação política implementada a partir de 1942 e arquitetada por figuras como Reinhard Heydrich e Heinrich Himmler¹⁵⁶. O Holocausto envolveu a construção de mais de 40 mil campos de concentração e de extermínio entre 1933 e 1945, onde os prisioneiros, incluindo judeus, ciganos, homossexuais, comunistas, deficientes e testemunhas de Jeová, eram submetidos a condições desumanas e à morte¹⁵⁷. Nos campos de extermínio, como Auschwitz e Treblinka, as operações de assassinato em massa eram realizadas de forma eficiente e industrializada.¹⁵⁸ Prisioneiros, incluindo idosos, doentes e crianças, eram levados às câmaras de gás sob o pretexto de tomar banho, onde eram asfixiados com substâncias tóxicas¹⁵⁹. Esses campos funcionavam como "fábricas de morte", com a capacidade de matar até 6 mil pessoas por dia. Após a morte, os corpos eram incinerados em grandes fornos projetados para esse fim, e o trabalho de limpeza desses fornos era realizado por outros prisioneiros judeus. Antes do fim da guerra, muitos relatos sobre o extermínio eram desacreditados como exageros ou propaganda Aliada. No entanto, após a guerra, surgiram provas irrefutáveis que confirmaram a realidade e a extensão do Holocausto, revelando ao mundo a magnitude dessa tragédia.¹⁶⁰

8.28. QUESTÕES TEMÁTICAS: O QUE É TOTALITARISMO?

Dentre todas as questões abordadas, nenhuma é tão ambígua quanto a discussão sobre totalitarismo. Presente como tema na BNCC (Totalitarismos e conflitos mundiais), esse conceito é tratado de maneiras variadas nos livros didáticos, revelando falta de consenso, embora nenhum se oponha diretamente a ele. 6 dos livros, por exemplo, utilizam o conceito de totalitarismo de Hannah Arendt para explicar os horrores do nazismo, destacando-o como

¹⁵⁴ (SLH, p.102) (EXP, p.97) (AMP, p.119) (JSP, p.167) (HSC, p.154) (DOC, p.112) (ARA, p.84) (7/14)

¹⁵⁵ (GAH, p.100) (SLH, p.102) (AMP, p.119) (JSP, p.167) (HSC, p.154) (VHK, p.140) (DOC, p.112) (SUP, p.105) (CON, p.116) (ARA, p.84) (JOR, p.107) (11/14)

¹⁵⁶ (AMP, p.119) (1/14)

¹⁵⁷ (GAH, p.100) (SLH, p.87) (EXP, p.97) (AMP, p.118) (JSP, p.111) (VHK, p.94) (DOC, p.96) (ARA, p.84) (JOR, p.107) (9/14)

¹⁵⁸ (GAH, p.100) (SLH, p.102) (EXP, p.97) (DOC, p.112) (4/14)

¹⁵⁹ (HSC, p.154) (1/14)

¹⁶⁰ (GAH, p.100) (JSP, p.167) (HSC, p.154) (3/14)

um regime que se contrapõe à democracia liberal¹⁶¹. Caracteriza-o como um estado forte¹⁶², autoritário e militarizado, centrado na figura de um líder carismático cultuado através de propaganda pública¹⁶³. Essa propaganda promove o ultranacionalismo¹⁶⁴ e inclui censura, além de estabelecer um partido único¹⁶⁵ e impedir que opositores políticos tenham chances reais de serem eleitos democraticamente. O regime também controlaria tanto a vida pública quanto privada de toda sua população¹⁶⁶, inicialmente com intensa propaganda para conquistar o poder e depois com doutrinação política sistemática para mantê-lo, acompanhada de perseguições sistemáticas contra opositores e diversas minorias.

Quadro 2 - HISTÓRIA – 9º ANO - Unidades temáticas / Objetos de conhecimento - BNCC

Totalitarismos e conflitos mundiais	O mundo em conflito: a Primeira Guerra Mundial A questão da Palestina A Revolução Russa A crise capitalista de 1929	(EF09HI10) Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa. (EF09HI11) Identificar as especificidades e os desdobramentos mundiais da Revolução Russa e seu significado histórico. (EF09HI12) Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global.
	A emergência do fascismo e do nazismo A Segunda Guerra Mundial Judeus e outras vítimas do holocausto	(EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

Fonte: BNCC, recorte do autor

Alguns livros argumentam que o que motivou a adesão aos regimes totalitários foi a crise e o descontentamento social, enquanto outros destacam que esses regimes exploraram o sentimento de isolamento típico da modernidade para atrair seguidores. É importante salientar que muitos desses livros apenas mencionam a palavra totalitarismo sem uma explicação clara do seu significado, e há aqueles que preferem utilizar termos como imperialismo ou

¹⁶¹ (SLH, p.84), (EXP, p.74), (AMP, p.93), (CON, p.106), (JOR, p.103), (STH, p.112)

¹⁶² (STH, p.112)

¹⁶³ (GAH, p.82), (SLH, p.84), (EXP, p.74), (AMP, p.93), (CON, p.106), (JOR, p.103), (STH, p.112)

¹⁶⁴ (GAH, p.89), (EXP, p.74), (AMP, p.93), (VHK, p.94), (SUP, p.94), (CON, p.106), (ARA, p.78), (JOR, p.103), (STH, p.112)

¹⁶⁵ (GAH, p.82), (AMP, p.93), (JOR, p.103), (STH, p.113)

¹⁶⁶ (GAH, p.82), (SLH, p.84), (EXP, p.74), (AMP, p.93), (CON, p.106), (JOR, p.103), (STH, p.112)

autoritarismo, substituindo conceitos. Entre os livros que elucidam o termo totalitarismo e o utilizam como ferramenta explicativa, há os que associam Hitler, Mussolini e Stalin como seus principais exemplos, indicando a existência de um suposto totalitarismo de esquerda, o que deve ser problematizado.¹⁶⁷

8.29. QUESTÕES TEMÁTICAS: QUAIS AS RELAÇÕES ENTRE O NAZISMO E O FASCISMO?

Entre os livros didáticos que não utilizaram o totalitarismo como base explicativa, a exemplo do “História, Sociedade e Cidadania”¹⁶⁸, há alguns que buscam estabelecer paralelos entre nazismo e fascismo, destacando suas similaridades e diferenças. Primeiramente, apontam que ambas as ideologias compartilham a convicção na supremacia do grupo sobre o indivíduo, enfatizando a primazia da comunidade sobre os direitos individuais.¹⁶⁹ Além disso, há uma legitimação e aceitação pela população das violências perpetradas pelo estado contra seus opositores, com o estado sendo retratado como a verdadeira vítima desses oponentes, fundamentado em sua ideologia. Tanto nazistas quanto fascistas adotam uma postura de militarismo e belicismo, rejeitando os princípios democráticos, liberais e socialistas. A figura do líder masculino é central em ambos os regimes, e a violência é legitimada como um meio eficaz e até mesmo admirável para alcançar os objetivos do estado em benefício da comunidade. Ambos são caracterizados por um forte conservadorismo, nacionalismo exacerbado e uma ideologia de direita radical, expressando um discurso anticomunista e contra as liberdades democráticas. A ostentação de símbolos e slogans que exaltam o Estado e sua missão é uma característica presente em ambas as ideologias. Enquanto o nazismo incorporava o antissemitismo como política de estado, no fascismo essa questão não era uma ideologia central, embora o estado fascista tenha implementado ações antissemitas em certos períodos.¹⁷⁰

9. CITAÇÕES NOS LIVROS DIDÁTICOS

Apesar de bastante recorrente, Hannah Arendt é apenas uma dos muitos autores citados ao longo das 14 obras analisadas. Dentre os livros didáticos analisados, são recomendadas ou citadas como referência diversos materiais em distintas mídias. A saber: quadrinhos, episódios de podcasts, vídeos no YouTube, filmes, séries, minisséries,

¹⁶⁷ (SLH, p.84), (EXP, p.74), (AMP, p.93), (CON, p.115), (JOR, p.103)

¹⁶⁸ (HSC, p.132)

¹⁶⁹ (GAH, p.89), (SLH, p.84), (HSC, p.132), (STH, p.113)

¹⁷⁰ (VHK, p.94), (DOC, p.96), (STH, p.118)

publicações em blogs, sites completos, artigos científicos e livros. Dentre os autores mais recorrentes podemos citar: Eric Hobsbawm, Osvaldo Coggiola, Richard Evans, Marc Ferro, Max Hastings, Alcir Lenharo e Robert Paxton. O único quadrinho citado é *maus*, com 3 citações. O site enciclopédia do holocausto é o mais citado, com 8 referencias em livros diferentes. Dentre os filmes, o mais citado é *A vida é bela*, com 4 citações. No total as citações somam 1 podcast, 17 filmes, 3 documentários, 3 séries, 3 vídeos no youtube, 1 quadrinho, 4 sites, 13 publicações em blogs, 19 artigos e 56 livros diferentes.

Podcast

História FM 029: Segunda Guerra Mundial: uma síntese da maior de todas as guerras. História FM. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Dennison de Oliveira. [S. l.]: Leitura Obrigatória HISTÓRIA, 1o jun. 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/0UXL8u3PFC7RCxFmbgl1Bd?si=RrxX7HDIRrOGgW8U3Qe9w&utm_source=copy-link. Acesso em: 17 maio 2022. (EXP)

Filmes

A lista de Schindler. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Branko Lustig, Gerald R. Molen. Estados Unidos: Universal Pictures, 1993. (.DOC)

A queda: as últimas horas de Hitler. Direção: Oliver Hirschbiegel. Produção: Bernd Eichinger. Alemanha: Constantin Film, 2004. (.DOC)

A vida é bela. Direção: Roberto Benigni. Produção: Roberto Benigni, Elda Ferri. Itália: Miramax Films, 1997. (4 Recomendações) (.DOC) (EXP) (CON) (JSP)

Além da linha vermelha. Direção: Terrence Malick. Produção: Robert Michael Geisler, Grant Hill, John Roberdeau. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1998. (JOR)

Dunkirk. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan, Emma Thomas. Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2017. (.DOC)

Europa, Europa. Direção: Agnieszka Holland. Produção: Margaret Ménégoz, Artur Brauner. Alemanha/França/Polônia: Orion Classics, 1990. (.DOC)

Jojo Rabbit. Direção: Taika Waititi. Produção: Carthew Neal, Taika Waititi, Chelsea Winstanley. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2019. (SLH)

O exército das sombras. Direção: Jean-Pierre Melville. Produção: Jacques Dorfmann. França: Valoria Films, 1969. (.DOC)

O exército do crime. Direção: Robert Guédiguian. Produção: Robert Guédiguian, Marc Bordure. França: StudioCanal, 2009. (JSP)

O grande ditador. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1940. (JSP)

O menino do pijama listrado. Direção: Mark Herman. Produção: David Heyman. Reino Unido: Miramax Films, 2008. (2 Recomendações) (.DOC) (CON)

O Ovo da Serpente. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Dino De Laurentiis. Alemanha/Estados Unidos: Paramount Pictures, 1977. (VHK)

O pianista. Direção: Roman Polanski. Produção: Roman Polanski, Robert Benmussa, Alain Sarde. França/Polônia/Alemanha: StudioCanal, 2002. (VHK)

O resgate do soldado Ryan. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg, Ian Bryce, Mark Gordon, Gary Levinsohn. Estados Unidos: DreamWorks Pictures, 1998. (.DOC)

Operação Valquíria. Direção: Bryan Singer. Produção: Bryan Singer, Christopher McQuarrie, Gilbert Adler. Estados Unidos: United Artists, 2008. (.DOC)

Os meninos que enganavam os nazistas. Direção: Christian Duguay. Produção: Alain Goldman. França: Gaumont Film Company, 2017. (DOC)

Little Boy: além do impossível. Direção: Alejandro Monteverde. Produção: Eduardo Verástegui, Leo Severino, Alejandro Monteverde. Estados Unidos: Open Road Films, 2015. (CON)

Documentários

Arquitetura da destruição. Direção: nome do diretor. Produção: nome do produtor. Local: Distribuidora do filme, ano. Mídia. (2 recomendações)(.DOC)(EXP)

Hitler – uma carreira. Direção: nome do diretor. Produção: nome do produtor. Local: Distribuidora do filme, ano. Mídia. (.DOC)

Menino 23. Direção: nome do diretor. Produção: nome do produtor. Local: Distribuidora do filme, ano. Mídia. (VHK)

Séries

Hitler: a ascensão do mal. Direção: Christian Duguay. Produção: Ed Gernon, John Ryan, Peter Sadowski. Canadá/Estados Unidos: Alliance Atlantis Communications, 2003. Minissérie de TV. (DOC)

Hitler's Circle of Evil. Direção: Nigel Paterson. Produção: Nigel Paterson, Andy Black. Reino Unido: Netflix, 2018. Série documental. (.DOC)

Segunda Guerra Mundial em cores. Direção: Jonathan Martin. Produção: Jonathan Martin, Stewart Binns. Reino Unido: BBC, 2009. Série documental. (.DOC)

Vídeos no youtube

20 MINUTOS de História – O que é fascismo. 2018. Vídeo (26min39s). Publicado pelo canal Opera Mundi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVuMFTU2iig>. Acesso em: 8 ago. 2022. (CON)

Qual a diferença entre autoridade e autoritarismo? 2017. Vídeo (4min2s). Publicado pelo canal Leandro Karnal Admiradores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDhHFyILa0o>. Acesso em: 8 ago. 2022. (CON)

O INÍCIO da Segunda Guerra Mundial. 2020. Vídeo (5min36s). Publicado pelo canal History Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7a8QEIbTN-g>. Acesso em: 22 jun. 2022 (HSC)

Quadrinhos

SPIEGELMAN, A. (2005): SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente.** Tradução: Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 296p. Título original: Maus, a Survivor 's Tale. (3 Recomendações) (.DOC) (VHK) (AMP)

Sites

Agência Lupa. Disponível em: [https:// piaui.folha.uol.com.br/ lupa/](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/). Acesso em: 11 maio 2022. Site da primeira agência de checagem de fatos do Brasil. Projeto Comprova Disponível em: [https:// projeto.comprova.com.br/](https://projeto.comprova.com.br/). Acesso em: 11 maio 2022. (JOR)

ENCICLOPÉDIA do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum. [Washington], [20--]. Disponível em: [https://www.ushmm.org/ ptbr](https://www.ushmm.org/ptbr). Acesso em: 8 ago. 2022. (8 citações) (EXP) (CON) (JSP) (CEV) (JOR) (ARA) (VHK) (HSC)

Memorial do Holocausto. Disponível em: <https://www.memorialdoholocausto.org.br/#filme>. Acesso em: 24 jul. 2022. (CON)

Segunda Guerra em revista. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/ guerra/index.php>. Acesso em: 4 mar. 2022. (EXP)

Publicação em blogs

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. **Estado racista e crise do capitalismo.** Portal Geledés. [S. l.], 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/silvio-almeida-estado-racista-e-crise-do-capitalismo/>. Acesso em: 11 ago. 2022.(CON)

ARAGAKI, Caroline. **Nazismo ultrapassou tendências de esquerda ou de direita.** Jornal da USP, 5 abr. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/nazismo-ultrapassou-tendenciasde-esquerda-ou-de-direita/>. Acesso em: 23 abr. 2022.(JSP)

ENRICONI, Louise. **O que são as minorias**. Politize!. Florianópolis, 31 ago. 2017. Disponível em: <http://www.politize.com.br/o-que-saominorias/>. Acesso em: 4 mar. 2022

Fake news: 40% das pessoas não conseguem detectar imagens manipuladas, diz estudo. G1, 17 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-manipuladas-noticia/fake-news40-das-pessoas-nao-conseguemdetectar-imagens-manipuladas-dizestudo.ghtml>. Acesso em: 7 jul. 2022. (ARA)

FRANÇA abre os arquivos de sua colaboração com a Alemanha nazista. Veja, São Paulo, 30 dez. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/franca-abre-osarquivos-de-sua-colaboracaocom-a-alemanha-nazista/>. Acesso em: 17 maio 2022.(ARA)

GAUTI, Carlo. **O que aconteceu com os negros alemães durante o nazismo**. G1, [s. l.], 14 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/o-que-aconteceu-com-os-negros-alemaes-durante-o-nazismo.ghtml>. Acesso em: 30 mar. 2022. (CEV)

Invasion of the Soviet Union, 1941. Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/World-War-II/Invasion-of-the-Soviet-Union-1941>. Acesso em: 7 abr. 2022.(VHK)

LINCOLINS, Thiago. **10 coisas que só existem por causa da Segunda Guerra**. Aventuras na História, São Paulo, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-10-coisas-existem-segunda-guerra-mundial.phtml>. Acesso em: 17 maio 2022.(ARA)

PEREIRA, Joseane. **As cartas que Gandhi escreveu para Hitler**. Aventuras na História. São Paulo, 25 nov. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/cartas-que-gandhi-escreveu-parahitler.phtml>. Acesso em: 23 jun. 2022.(HSC)

PRAÇA alvo de ataque abriga símbolo da Segunda Guerra. DW, [s. l.], 20 dez. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/praca-alvo-de-ataque-abriga-simbolo-da-segunda-guerra/a-36848481>. Acesso em: 17 maio 2022(ARA)

SUGIMOTO, Luiz **Um mergulho no universo neonazista**. Jornal da Unicamp, 28 set. 2018. Disponível em <https://www.inicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonarista> Acesso em: 13 mar. 2022.(JSP)

SZKLARZ, Eduardo. **Terror e paranoia: Gestapo, a polícia secreta do Terceiro Reich.** Aventuras na História, 25 maio de 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-gestapo-terror-paranoia.phtml>. Acesso em: 8 abr. 2022(EXP)

WESTIN, Ricardo. **Confundida com liberdade de expressão, apologia ao nazismo cresce no Brasil desde 2019.** Agência Senado, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019>. Acesso em: 30 maio 2022.(JSP)

YASHINISHI, Bruno. **O discurso final do filme “O grande ditador” (1940).** Canto dos Clássicos. [S. l.], 11 set. 2016. Disponível em: <https://www.cantodosclassicos.com/o-discurso-final-do-filme-o-grande-ditador-1940/>. Acesso em: 5 abr. 2022.(HSC)

Artigos

ALBUQUERQUE, Roberto Chacon de. **A Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias e o programa de eutanásia durante a Segunda Guerra Mundial.** Revista CEJ, Brasília, DF, ano XII, v. 12, n. 40, p. 44-49, jan./mar. 2008 (ARA)

ARTERO, Arthur Felipe. **Hitler boa-praça.** Aventuras na História, São Paulo, Abril, n. 5, maio de 2006. p. 50. Edição Especial Conspirações. (JSP)

AZEVEDO, A. P. de; KOEHLER, C. B. G. **Eugenia na Alemanha nazista: o racismo como política de estado.** Scientiarum Historia, Rio de Janeiro, v. 1, p. 2-3, 2021. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/281/220>. Acesso em: 8 abr. 2022.(EXP)

BRANDT, Cleri Aparecida; LEITE, César Donizetti Pereira. **Linguagem nazista: a manipulação à serviço da dominação.** Revista Educação, Teoria e Prática, Rio Claro, [sp. d.], p. 3-4(HSC)

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, **A era nazi e o antisemitismo,** In PINSKY J PINSKY, Carla Bassanezi (org) Faces do fanatismo. São Paulo: Contexto, 2004, p. 104, 117-118, 124(JSP)

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o antisemitismo no Brasil.** Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 13, n. 18, p. 79-80, 11 maio 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2012v13n18p79/3871>. Acesso em: 8 ago. 2022(CON)

CHURCHILL, 1941 apud OLIVEIRA JÚNIOR, Clécio Antônio Barbosa. **Pronunciamentos de Churchill e Hitler no contexto da Segunda Guerra Mundial: uma análise de conteúdo.** Revista Panorama, Goiás, v. 3, n. 1, p. 251-263, jan./dez. 2013(HSC)

Depoimento de Janina Schlesinger. Apud: CARNEIRO, M. L. T. **Vozes do Holocausto.** São Paulo: Sêfer, 2017. v. 3. p. 248-251.(VHK)

FACINI, Diogo Rossi Ambiel. **Discursos na história, discursos sobre a história: uma reflexão sobre “O Grande Ditador” e “Monsieur Verdoux”.** Revista Travessias, Cascavel, v. 11, n. 2, p. 203-222, maio/ago. 2017. p. 203- 205.(HCS)

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O triunfo do Reich de Mil Anos: cinema e propaganda política na Alemanha nazista (1933-1945).** In: CAPELATO, M. H. et al. História e cinema. São Paulo: Alameda, 2007. p. 256-257, 260.(EXP)

GUIMARÃES, Marcos Toyansk Silva. **O extermínio de ciganos durante o regime nazista.** História e Perspectivas, Uberlândia, v. 28, n. 53, p. 349-369, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32779/17721>. Acesso em: 8 ago. 2022.(CON)

LEWGOY, Bernardo. **Holocausto, trauma e memória** WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v. 2, n. 1, jan/ jun. 2010. p. 52-53. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/15544> Acesso em: 27 mar 2022 (SUP)

LUZ, Enrique. **“O eterno judeu”: anti-semitismo e antibolchevismo nos cartazes de propaganda política nacional-socialista (1919-1945).** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 111-112. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-6WXRRK/1/luz_enrique_o_eterno_judeu_disserta_o_hist_ria_fafich.pdf. Acesso em: 30 maio 2022.(JSP)

MEED, 2008 opud SOUZA, Nanci N. **Gueto de Varsóvia: Educação clandestina e resistência à dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas)** Universidade de São Paulo, São Paulo p. 62-63. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponives/8/8152/tde-05082013-093018/público/2013_Nanci_Nascimento_Souza_VCorr.pdf Acesso em: 5 maio 2022 (SUP)

Nazismo de esquerda? Conceito, aplicações e debates contemporâneos sobre o nazifascismo. PET História UFPR, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://pethistoriaufpr.wordpress.com/2019/04/03/3356/>. Acesso em: 7 jul. 2022. (JOR)

PRADA, Valentin Vasquez de Reflexos políticos da crise In MARQUES, Adhemar Martins BERUTTI, Flávio Costa: FARIA, Ricardo de Moura (org.) História contemporânea através de textos. São Paulo Contexto, 2005 p. 162. (Textos e Documentos v. 5). p. 57-58, 67-68(JSP)

RODRIGUES, I. Histórias e memórias da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra no Leste Europeu a partir do heavy metal: análise da obra da banda Sabaton. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 164(VHK)

SBROCCO, Fernando Moreira. A Alemanha no período entreguerras: um estudo sobre a hiperinflação e a ascensão do Nazismo. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2011. p. 46.(HSC)

SICSÚ, João. Uma teoria de depressões: comentários. Revista de Economia Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-19, 2020. p. 6(HSC)

SILVA, Marcelo Almeida. O reich, o traço e o riso: o nazismo segundo os caricaturistas da Careta durante a II Guerra Mundial. Revista discente do programa de pós-graduação em História, Niterói, v. 1, n. 2, p. 115-135, jul./dez. 2015. p. 117-118.(HSC)

Livros

A Segunda Guerra Mundial. J. Fábio Bertonha. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2021. (DOC)

ADORNO, T. W. A indústria cultural e a sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002(AMP)

ALMEIDA, Ângela Mendes de. A República de Weimar e a ascensão do nazismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 13-14 (ARA)

ALMEIDA, Ângela Mendes de. A República de Weimar e a ascensão do nazismo. São Paulo: Brasiliense. 1999. p. 94-101. (Coleção Tudo é História, n. 58).(JOR)

Ambrose, Stephen E. O Dia D: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. (GAH)

ARENDT, H. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 513-514. (VHK)(CON)(JOR)(ARA)

BANNISTER, Nonna. Baú de lágrimas: o diário secreto do Holocausto. São Paulo: Novo Século, 2013. (DOC)

BERSTEIN, Serge (dir.) História do século XX: 1900-1945, o fim do “mundo europeu”. Volume I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. p. 146. (AMP)

BLOCH, Marc. A estranha derrota. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. (DOC)

BOBBIO, Norberto. Estado, governo, sociedade. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. (ARA)

BOYNE, John. O menino do pijama listrado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 158-160. (ARA)

CANETTI, Elias. Massa e poder. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019. (ARA)

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. Holocausto: crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2000. (CON)

COGGIOLA, O. A Segunda Guerra Mundial: causas, estruturas, consequências. São Paulo: LF Editorial, 2015. p. 77. (VHK)(CEV)(GAH)

CHURCHILL, Winston. In: ADDIS, Ferdie. Discursos que mudaram a História. São Paulo: Prumo, 2012. E-book. (EXP)

DE GAULLE, Charles. In: ADDIS, Ferdie. Discursos que mudaram a História. São Paulo: Prumo, 2012. E-book. (EXP)

D’ALESSIO, Márcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. Nazismo: política, cultura e holocausto. São Paulo: Atual, 2004. (Discutindo a história, p. 40-41). (HSC)

Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política (Livro) Norberto Bobbio. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012. (VHK)

EVANS, Richard J. A chegada do Terceiro Reich. São Paulo: Planeta, 2010 (AMP)(DOC)(STH)(DOC)(GAH)

Ferro, Marc. O século XX explicado aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 55-5 (JSP) (GAH) (STH) (AMP) (GAH)

FIORANI, Flavio. História ilustrada da II Guerra Mundial: a paz impossível, a eclosão do conflito, a capitulação da França. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009. v. 1, p. 11-13.(SLH)

FRANK, Anne. O diário de Anne Frank, São Paulo Princips, 2018, p. 171.(SUP)(GAH)(VHK)

FULBROOK, Mary. História concisa da Alemanha. São Paulo: Edipro, 2012. p. 219-221. (Série História das Nações)(CEV)

GEARY, Dick. Hitler e o nazismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010 (DOC)(CON)

Hastings, Max. Inferno: o mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. (GAH) (SLH) (STH)

HELM, Sarah. Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 41-55 (AMP)

HITLER, A. Minha luta. São Paulo: Centauro, 2001. p. 300-303. (VHK)(SLH)

HOBSBAWM, E. J. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 97 (VHK) (STH) (GAH) (SLH) (AMP) (HSC) (CON)

Jordan, David. História da Segunda Guerra Mundial: a maior e a mais importante guerra de todos os tempos. São Paulo: M.Books, 2010. (GAH)

KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (DOC)

KONIG, Nanette Blitz. Eu sobrevivi ao Holocausto: o comovente relato de uma das últimas amigas vivas de Anne Frank. São Paulo: Universo dos Livros, 2015. (CON)

LENHARO, Alcir. Nazismo: “O triunfo da vontade”. São Paulo: Ática, 2001. p. 78-79. (AMP) (DOC) (HSC)

LEVI, P. Se questo è un uomo: la tregua. Torino: Einaudi, 1989. p. 347. Apud: ZUIN, J. C. S. Primo Levi: o escritor-testemunha de Auschwitz. Perspectivas, São Paulo, v. 29, p. 211, 2006. (VHK) (DOC)

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 100-101 (CON)

LOWE, Norman Histórias do mundo contemporâneo Tradução Roberto Cataldo Costa 4 de Porto Alegre Perin, 2011, p. 123-124 (SUP) (JSP)

MAAR, Wolfgang L. O que é política. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (ARA)

MAGNOLI, Demétrio (org.). História das guerras. São Paulo: Contexto, 2008. (HSC)

MANDEL, Ernest. O significado da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ática, 1989. p. 148-149 (SLH)

MARQUES, Adhemar Martins et al. História contemporânea através de textos. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 172. (Textos e Documentos). (JSP)

MUKAI, Shinji. In: MARQUES, A. M.; BERUTTI, F.FARIA, R. História contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1999. p. 173-174. (EXP)

MARTIN, Gilbert. A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo. Tradução: Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. (JOR)

MASSON, Philippe. A Segunda Guerra Mundial: história e estratégias. São Paulo: Contexto, 2010. p. 22. (SLH)

O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945) (Livro) (VHK)

O Terceiro Reich em cena: história e memória audiovisual do nazismo e do Holocausto (Capítulo de livro) Wagner Pinheiro Pereira. In: LEWIN, H. (coord.). Judaísmo e globalização: espaços e temporalidades. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2010. (VHK)

PAXTON, Robert D. A anatomia do fascismo. Tradução Patrícia Zimbres e Paula Zimbres São Paulo: Paz E Terra, 2007 (JSP) (HSC) (DOC)

PEDRO, Antonio. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Atual, 1987. p. 32-36. (EXP) (CEV)

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 117-122, 2003 (EXP)(SLH)

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O triunfo do Reich de mil anos: cinema e propaganda política na Alemanha nazista (1933- 1945). In: CAPELATO, Maria Helena et al. História e cinema. São Paulo: Alameda, 2007. p. 260-261. (HSC)

PERRY, Marvin. Civilização ocidental: uma história concisa. 3. ed. Tradução: Waltensir Dutra e Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 617-620.(JSP)

SALINAS, Samuel Sérgio. Antes da tormenta: origens da Segunda Guerra Mundial, 1918-1939. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 71-74.(EXP)

SCHLOSS, Eva. Depois de Auschwitz. São Paulo: Universo dos Livros, 2013. (DOC)

SEITENFUS, Ricardo Antônio S. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (CON)

SHIRER, William L. Ascensão e queda do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 2 v. (ARA)

STACKELBERG, Roderick. A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 166-167 (CEV)

STEINBECK, John. As vinhas da ira. São Paulo: Abril Cultural, 1972 (HSC)

TAFFORD, David. Fim de jogo, 1945: o capítulo que faltava da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Objetiva, 2012. (GAH)

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). História das guerras. São Paulo: Contexto, 2006. p. 356-357. (JSP) (HSC)

YURA Ryabinin, 28 nov. 1941. In: WALLIS, Sarah; PALMER, Svetlana. Éramos jovens na guerra: cartas e diários de adolescentes que viveram a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 88. (ARA)

10. ANÁLISE DAS IMAGENS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS

As estatísticas abaixo são baseadas nos capítulos analisados até agora, cobrindo o período desde o surgimento do Partido Nazista até sua queda. A média de imagens por livro é de 40, com "Viver História com Karnal" tendo o maior número (86) e "Jornadas: Novos Caminhos" o menor (15). Vale ressaltar que nem todas as imagens estão relacionadas ao nazismo; a média de imagens pertinentes ao tema é de 12. "História.doc" contém o maior número de imagens sobre o nazismo (20), enquanto "Conexões e Vivências" possui a menor quantidade (7).

10.1. FOTOGRAFIAS DE JUDEUS

Dos 14 livros analisados, 9 incluem fotografias de judeus, totalizando 27 imagens. Destas, 26 são em preto e branco, com exceção de uma fotografia colorida atual de Solomon Perel, no livro "História.doc". "Superação" tem a maior quantidade de fotografias de judeus (9). As imagens incluem judeus com a estrela de Davi na roupa, retratos de figuras

reconhecidas como Primo Levi e Anne Frank, judeus na resistência armada no gueto de Vilnius, sobreviventes dos campos de concentração, cenas do gueto de Varsóvia, judeus esperando para embarcar para Auschwitz, corpos de vítimas do genocídio nazista, prisioneiros em Buchenwald, e um prisioneiro judeu em Dachau submetido a testes em uma câmara pressurizada.

10.2. FOTOGRAFIAS DE HITLER

O livro *Superação* é o único que não possui nenhuma fotografia de Hitler. Os livros *Jovens Sapiens*, *Viver História com Karnal*, *História.doc* e *Segue a Trilha História* estão empastados com o maior número de imagens (três cada). Os materiais didáticos analisados contêm um total de 24 imagens, das quais 7 são coloridas (sem informações explícitas sobre posterior colorização). Entre as fotografias destacam-se: Hitler como chanceler ao lado de Paul von Hindenburg; uma imagem da Conferência de Munique com Hitler e outros líderes; Hitler visitando a Itália e sendo recebido pelo rei Vítor Emanuel III e Mussolini; Hitler e Mussolini marchando juntos diante de seus exércitos; Hitler e oficiais nazistas ao lado da Torre Eiffel após a ocupação da França; Hitler em uma passeata sendo ovacionado pelo público alemão; Hitler condecorando membros da Juventude Hitlerista; além de fotos de Hitler posando diante do espelho enquanto ensaiava um discurso.

10.3. FOTOGRAFIAS DE MILITARES NAZISTAS

Oito livros contêm fotografias de militares nazistas, totalizando 19 imagens, seis das quais são coloridas ou colorizadas. "*Araribá*", "*Expedições*", "*Amplitude*", "*História.doc*" e "*Segue a Trilha da História*" apresentam três imagens cada um. As fotografias incluem uma imagem do Putsch de Munique, mostrando um pequeno exército marchando sob a liderança de Hitler; exércitos nazistas em fileira; uma fotografia de uma cerimônia de aniversário do Partido Nazista, onde vários soldados marcham com bandeiras da suástica; uma imagem da população austríaca fazendo a saudação nazista para soldados alemães que passam de carro pela rua em 1938; marchas na Tchecoslováquia e Polônia ocupadas, soldados nazistas na Holanda, Moscou, e soldados nazistas derrotados e capturados pela União Soviética e pelos EUA.

10.4. PROPAGANDA ANTINAZISTA COM HITLER

Os livros "*Viver História com Karnal*", "*Segue a Trilha da História*", "*Se Liga Nessa História*", "*História Sociedade e Cidadania*", "*História.doc*", "*Expedições da História*",

"Araribá" e "A Conquista" incluem imagens satíricas ou críticas de Hitler, totalizando 16 imagens. "História Sociedade e Cidadania" contém a maior quantidade, com 5 imagens. Entre as representações estão a capa do quadrinho do Capitão América socando Hitler, a pintura "O Enigma de Hitler" de Salvador Dalí, e várias charges que ridicularizam o pacto de não agressão entre Stalin e Hitler, Hitler dividindo o mundo com aliados, e Hitler manipulando chefes de estado como bonecos.

10.5. PROPAGANDA NAZISTA SEM HITLER E SIMBOLOS DO NAZISMO

Totalizando 13 imagens, os livros "História.doc", "Conexões e Vivências", "Geração Alpha", "A Conquista", "Se Liga na História", "Superação", "Jornadas" e "Jovem Sapiens" expõem algumas propagandas nazistas que não utilizavam a fotografia de Hitler na capa. Entre elas, destacam-se: um cartaz nazista criticando o Tratado de Versalhes com a frase "Até sua terceira geração será escravizada"; um cartaz com a frase "Chega de corrupção, vote agora no Partido Nacional Socialista (nazista)" com a imagem de uma luva vermelha com o símbolo da suástica batendo nos irmãos Sklarek, políticos judeus acusados de corrupção, servindo de combustível para o antissemitismo popular; uma propaganda nazista mostrando a relação entre uma mulher ariana e uma mulher negra, intitulada "O resultado: A perda do orgulho racial"; uma propaganda alemã de 1932 pedindo às mulheres que votassem em Hitler para salvar suas famílias; a capa de um livro escolar em que crianças hasteiam uma bandeira nazista enquanto outras realizam uma saudação solene; um cartaz nazista com uma multidão e a frase "Todo mundo escuta o Führer com o receptor do povo"; fotografias de bandeiras nazistas hasteadas ao fundo de uma multidão; um cartaz alemão mostrando um homem ariano colocando um tijolo, com uma bandeira nazista ao fundo e a frase "Hitler está construindo; ajude. Compre bens alemães"; e uma pintura representando a família ideal nazista, com um casal ariano e seus vários filhos em uma paisagem bucólica.

10.6. FOTOGRAFIAS DAS OLIMPIADAS DE 1936

Apenas duas obras apresentam imagens das Olimpíadas de 1936. A primeira é "A Conquista", que inicia o capítulo sobre a Alemanha nazista com a fotografia da abertura das olimpíadas, com atletas correndo e ao fundo os símbolos da suástica. A segunda obra é "História, Sociedade e Cidadania", que contém uma imagem em preto e branco, destacando o atleta americano Jesse Owens, um homem negro que triunfou enquanto Adolf Hitler assistia das arquibancadas.

10.7. FOTOGRAFIAS DE CIVIS ALEMÃES NÃO-JUDEUS

Os livros “Segue a Trilha”, “A Conquista”, “Superação”, “Conexões e Vivências”, “Amplitude”, “Geração Alpha”, “História, Sociedade e Cidadania”, “Viver História” e “Jornadas” têm ao menos uma fotografia de civis alemães durante o governo nazista. “Segue a Trilha”, “A Conquista” e “Superação” possuem duas imagens cada, totalizando 12 fotografias, das quais 11 são em preto e branco. Entre as fotos estão uma família vivendo em um vagão, crianças brincando com marcos alemães, que haviam perdido seu valor devido à inflação; uma mulher usando o marco alemão para acender a lareira; uma mulher comprando repolho com um cesto de marcos alemães; o marco alemão sendo colado para servir como papel de parede; uma família alemã ouvindo rádio, mulheres alemãs trabalhando na indústria têxtil, civis saudando a bandeira nazista, e um professor ensinando as Leis de Nuremberg para sua classe.

10.8. CENAS DE ANTISSEMITISMO E PROPAGANDA ANTISSEMITA

Nos livros “Segue a Trilha: Expedições”, “História, Sociedade e Cidadania”, “Se Liga na História”, “Superação” e “Jovem Sapiens”, encontram-se imagens que retratam cenas de antissemitismo ou propaganda antissemita. Cada um desses livros possui uma imagem dessa categoria, exceto o “Jovem Sapiens”, que apresenta quatro imagens, totalizando nove ilustrações. Entre as fotografias, incluem-se: a palavra "judeu" pichada em um comércio administrado por judeus no mesmo dia da Noite dos Cristais; uma propaganda antissemita mostrando um judeu estereotipado atrás das bandeiras da Inglaterra, dos Estados Unidos e da União Soviética; uma foto da queima de livros realizada pelos nazistas; autoridades nazistas medindo o nariz de um alemão para definir se ele é ou não ariano; fornos construídos para incinerar corpos das vítimas do genocídio nazista; o cartaz da exposição “O Judeu Eterno”; um agente nazista ao lado de uma placa escrita: “Alemães, defendam-se, não comprem de judeus”; e um cartaz representando crianças alemãs zombando de crianças judias, que constrangidas, vão embora acompanhadas por um adulto judeu.

10.9. FOTOGRAFIAS DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Os livros "Segue a Trilha" , "Amplitude" , "Expedições da História", "Viver História com Leandro Karnal", "História.doc" e "Geração Alpha" somam um total de nove imagens. Entre essas imagens, estão a fachada do campo de concentração de Auschwitz, uma panorâmica de um campo de concentração na Alemanha, e uma foto de um campo de concentração nazista onde prisioneiros judeus aguardavam transferência para execução.

Também estão incluídos o portão de entrada do campo de concentração de Dachau e uma pilha de sapatos pertencentes a pessoas assassinadas em Auschwitz.

10.10. FOTOGRAFIAS ARMAMENTO DO EXÉRCITO ALEMÃO E ILUSTRAÇÃO DO BLITZKRIEG

Os livros "Geração Alpha", "Amplitude", "História.doc", "História: Sociedade e Cidadania", "Superação História" e "Araribá" juntos contêm um total de oito imagens. "Superação História" é o livro com o maior número de imagens, apresentando três. As imagens são uma combinação de fotografias em preto e branco e ilustrações coloridas. Entre as fotografias, há imagens de tanques nazistas, aviões e motos do exército, nas ilustrações, estão representados aviões Stuka e a tática de Blitzkrieg.

10.11. PROPAGANDAS NAZISTAS COM HITLER

Seis livros didáticos expõem propagandas com teor nazista, Jovens sapiens, Se liga na história, A conquista, Amplitude, Geração alpha e Jornadas, novos caminhos, sendo que o livro jovem sapiens e amplitude possuem 2 imagens cada, totalizando 8 imagens. Um jornal alemão exhibe uma fotografia de Hitler durante um discurso. Em outra edição, há uma versão especial comemorativa da anexação da Áustria pelos nazistas, com a foto de Hitler na capa. Um cartaz mostra Hitler em uma pose heróica segurando a bandeira nazista. Outro cartaz italiano celebra a aliança entre Hitler e Mussolini, com a imagem de ambos ao lado de uma ilustração de um edifício que mistura o símbolo do fascio com a suástica, ladeado pelas bandeiras da Alemanha nazista e da Itália. Há também uma propaganda direcionada à juventude hitlerista, na qual Hitler é retratado como a sombra de um jovem, acompanhada da frase "A juventude serve ao Fuhrer". Em outro cartaz, Hitler é pintado sorrindo e segurando um bebê, com dois garotos próximos carregando bandeiras nazistas. Um cartaz japonês celebra a aliança entre a Alemanha nazista, a Itália e o Japão, apresentando fotos dos líderes e crianças comemorando com as bandeiras desses países. Por fim, há um cartão postal com a imagem de Hitler acima de um mapa da Alemanha e da Áustria, comemorando a anexação.

10.12. PROPAGANDA ANTINAZISTA SEM HITLER

Os livros "Jornadas, Novos Caminhos", "História, Sociedade e Cidadania", "Expedições", "Geração Alpha" e "Se Liga na História" apresentam imagens de propagandas antinazistas, que não incluem diretamente Hitler, mas utilizam outros elementos. Entre essas imagens, encontram-se fotografias do filme ou do cartaz de anúncio do filme "O Grande

Ditador", estrelado por Charles Chaplin, que satiriza o líder nazista. O livro "História, Sociedade e Cidadania" apresenta uma charge de Belmonte intitulada "Uma Pedra na Estrada", na qual um caminhão com uma suástica é impedido por uma grande pedra com o nome "Stalingrado". O livro "Se Liga na História" inclui um cartaz espanhol com um personagem esquelético, representando a morte, usando um chapéu com a suástica, uma foice carregada de caveiras menores em sua lâmina e soltando mísseis do cabo. Em outra imagem, vemos soldados americanos hasteando bandeiras estadunidenses sobre um prédio público com o símbolo nazista em 1945. Por fim, há uma imagem contemporânea no livro "Geração Alpha" que mostra manifestantes alemães em 2019 portando símbolos de antinazismo, com a suástica cortada pelo símbolo de proibido.

10.13. FOTOGRAFIAS DE VÍTIMAS DO NAZISMO QUE NÃO ERAM JUDIAS

Os livros "Amplitude", "Viver História com Karnal", "História.doc" e "Expedições" são os únicos que apresentam imagens de não-judeus vítimas dos nazistas, totalizando seis fotografias. Dentre essas, três estão no livro "Amplitude" e apenas duas são coloridas. As imagens incluem representações de mulheres cristãs que auxiliaram judeus e foram enviadas ao campo de concentração de Ravensbruck, uma fotografia de Irena Sendler, assistente social que salvou milhares de judeus e conseguiu sobreviver, e duas imagens de homossexuais que foram levados a campos de concentração devido à sua orientação sexual.

10.14. FOTOGRAFIAS DO TRIBUNAL DE NUREMBERG E SESSÃO DO JULGAMENTO DE AUSCHWITZ

Apenas os livros "A Conquista" e "Expedições na História" contém fotografias do Tribunal de Nuremberg, realizado em 1945, ambas coloridas. Por outro lado, o livro "Viver História com Karnal" é o único dentre os 14 analisados que possui uma fotografia do julgamento de Adolf Eichmann, condenado em 1961, esta, por sua vez, uma fotografia branco e preto.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma questão que me incomodou bastante ao ler os livros foi a quantidade de propaganda anti-comunista e, especialmente, anti-soviética presente nas páginas, o que se reflete até na escolha dos termos. O conceito de totalitarismo, como vimos, é tratado como crucial, recebendo destaque como uma unidade temática na BNCC, e é amplamente abordado nos livros com definições, propostas e discussões. Hannah Arendt é frequentemente citada

como a principal autora quando o tema é totalitarismo, especialmente seu livro “Origens do Totalitarismo”.

Conforme Domenico Losurdo¹⁷¹, ao publicar essa obra, Arendt se deparava com décadas de discussão acadêmica sobre o tema. Ela reformulou o termo, que antes servia para descrever regimes políticos e religiosos, transformando-o em um substantivo com conotações específicas. Os debates incluíam desde Horkheimer e Adorno em "Dialética do Iluminismo", que associavam o totalitarismo ao capitalismo e à violência colonial, até Wittfogel, que o ligava a sociedades hidráulicas orientais, e Popper, que via o totalitarismo como uma característica antiga das civilizações. Inicialmente, Arendt criticava o nazismo e o imperialismo britânico, apontando paralelos entre o racismo do Terceiro Reich e o colonialismo. Naquela fase, a URSS não era seu foco principal. No entanto, com a Guerra Fria e sua mudança para os Estados Unidos, Arendt expandiu sua análise, substituindo o termo "imperialismo" para incluir a URSS e deixar a Inglaterra de lado. Seu livro é dividido em duas partes: uma sobre antissemitismo e imperialismo, e outra sobre totalitarismo. Críticos como Golo Mann destacaram a falta de integração entre essas seções e questionaram a relevância das partes iniciais.

Apesar da crítica ao imperialismo britânico, Arendt não aborda eventos como os campos de concentração para japoneses nos EUA durante a Segunda Guerra Mundial ou as atrocidades cometidas pelo Japão na China, como o Massacre de Nanquim. Sua análise também ignora deportações de judeus na Primeira Guerra Mundial e massacres subsequentes na Rússia, além de não mencionar Hiroshima e Nagasaki como exemplos de ações totalitárias. A crítica contemporânea ao totalitarismo, influenciada pela Guerra Fria, tende a desconsiderar dinâmicas de poder e justificar ações violentas, como a utilização do termo "totalitarismo islâmico" para legitimar intervenções militares. A teoria do totalitarismo, ao focar nas diferenças metodológicas, pode não capturar adequadamente as contradições do sistema global. Muitas vezes, o conceito não reflete a complexidade dos regimes, como o nazismo, que buscava criar um Estado racial baseado em políticas eugênicas inspiradas nos EUA. A analogia entre o racismo americano e as políticas nazistas é clara, visto que os nazistas se basearam em exemplos americanos para desenvolver sua própria supremacia racial, tal qual os estadunidenses fizeram contra os indígenas no período da marcha para o oeste ou contra os negros posteriormente. A política de apaziguamento revela a cumplicidade das potências ocidentais com os nazistas. Por fim, é difícil defender uma teoria que coloca lado a lado o

¹⁷¹ LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. Crítica. Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.17, 2003

grupo mais abertamente anticomunista, o nazismo e o fascismo, com o mais abertamente antifascista, o comunismo, unindo-os apenas pela oposição à democracia liberal ocidental.

Quanto às questões estéticas do livro didático, no geral, a diagramação dos livros é excelente. Todos começam e terminam os assuntos na mesma página, evitando dividir parágrafos, e as imagens são posicionadas de maneira a não atrapalhar o entendimento do conteúdo. Os livros têm uma aparência muito boa, utilizando muitas fotografias, infográficos, mapas e outros elementos visuais para auxiliar na compreensão dos alunos e demais interessados. As atividades propostas são relevantes e relacionadas aos temas abordados, incluindo desde questões descritivas até propostas de pesquisa, análise de imagens, análise de fontes primárias, produção de linha do tempo, criação de podcasts e montagem de memorial para vítimas de massacres. Das quatorze obras analisadas, dez incluíram questões que envolvem análise de imagens¹⁷².

As questões propostas estimulam os alunos a refletirem sobre crise, guerra, política de apaziguamento, perseguições a minorias, antissemitismo e propaganda, tanto no contexto da Segunda Guerra quanto posteriormente. Destaco, por exemplo, uma questão interessante do livro "Viver História com Karnal", que pergunta sobre a transformação da violência da guerra em entretenimento por meio de jogos digitais e como isso deve ser problematizado historicamente. Os guias para o professor, geralmente, oferecem sugestões de leituras complementares e questões temáticas para estimular a reflexão dos alunos, servindo como um valioso auxílio para professores menos experientes com o assunto.

¹⁷² (SUP)(STH)(SLH)(JOR)(.DOC)(HSC)(GAH)(AMP)(ARA)(CON)

12. BIBLIOGRAFIA

12.1. FONTES UTILIZADAS:

ACUIO, Joana Lopes et al. **Araribá Conecta História: 9º Ano**. São Paulo: Editora Moderna, 2022.

ANTÔNIO REIS JÚNIOR et al. **Segue a trilha: História - 9º Ano**. São Paulo: Palavras Projetos Editoriais, 2022.

AZEVEDO, Gislane Campos; C MARA, Leandro Calbente; SERIACOPI, Reinaldo; SERIACOPI, Seriacopi. **A Conquista História: 9º Ano: Ensino Fundamental: Anos Finais**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História Sociedade & Cidadania: 9º Ano: Ensino Fundamental: Anos Finais**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

BRAICK, Patrícia Ramos; BARRETO, Anna. **Se Liga na História Braick & Barreto: 9 Ano Manual do Professor**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

CARDOSO, Maurício; FERNANDES, Priscila Nina. **Jornadas - Novos Caminhos História: 9º Ano**. 1. ed. São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Expedições da História: 9º Ano Manual do Professor**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. **Jovem Sapiens História: 9º Ano**. 1. ed. São Paulo: Paulo Scipione, 2022.

FERREIRA JÚNIOR, Lier Pires et al. **Amplitude: História, 9: Ensino Fundamental: Anos Finais**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

KARNAL, Leandro et al. **Viver História com Leandro Karnal: 9º Ano: Manual do Professor**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

MINORELLI, Caroline; CHIBA, Charles. **SuperAÇÃO! História: 9º Ano Manual do Professor**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

NEMI, Ana Lúcia Lana; REIS, Anderson Roberti dos; MOTOOKA, Débora Yumi; et al. **Geração Alpha História: 9º Ano Ensino Fundamental: Anos Finais**. 4. ed. São Paulo: Edições SM, 2022.

PANAZZO, Sílvia; VAZ, Maria Luísa. **Conexões & Vivências: História, 9: Ensino Fundamental: Anos Finais**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História.doc: 9º ano**. 3. ed. São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022.

12.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Rosa Abaliac. **Imagens da Shoah em livros didáticos do ensino fundamental II: Uma análise multimodal**. 2016. 205 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZAMBONI, Ernesta. Os povos originários na literatura escolar: possibilidades de um discurso intercultural. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. O impacto do PNLD no ensino de história: cifrões e ideologia. In: **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013, Natal-RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN, 22 a 26 de julho de 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHERVEL, André. L'histoire des disciplines scolaires. Réflexions sur un domaine de recherche. In: **Histoire de l'éducation**, n° 38, 1988. pp. 59-119

CONCEIÇÃO, Carlos Eduardo Miranda da. **O nazismo nos livros didáticos de história brasileiros: contribuições para uma história do tempo presente**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional – PROFHISTORIA) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018.

FARICELLI, Marilu de Freitas. **Narrativas sobre o nazismo e o fascismo nas coleções didáticas de história: saber escolar e demandas do tempo presente**. Revista Escritas do Tempo, v. 2, n. 5, p. 66-91, jul-out/2020.

FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. A apropriação docente dos livros didáticos de história: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial. 2013

FREITAG, Bárbara et alii. **O estado da arte do livro didático no Brasil**. Brasília, INEP/REDUC, 1987. 129p

GASPARELLO, Arlette Medeiros. Livro didático e história do ensino de história: caminhos de pesquisa. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru, SP: EDUSC/Belo Horizonte, MG: EDUFU, 2004, p. 252 .

GATTI JÚNIOR, Décio. A construção de uma sociedade de direitos: história, livro didático e cinema. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História**. Rev. Brasil. História, São Paulo, v. 9, n. 38, p. 125-138, 1999.

MICHAUD, Eric. “Soldados de uma ideia” Os jovens do terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos Jovens 2 - A época contemporânea**. Tradução de Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291-317.

MOLINA, Ana Heloísa. Imagens em livros didáticos de história: elementos para uma análise das relações imagem/texto/historiografia. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial, 2013

MONTEIRO, Ana Maria. Livros didáticos de história para o ensino médio e as orientações oficiais: processos de recontextualização e didatização. In: GALZERANI, Maria Carolina B.; BUENO, João Batista G. & PINTO JUNIOR, Arnaldo (Orgs.). **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

MORENO, Jean Carlos. **Limites, escolhas e expectativas: horizontes metodológicos para análise dos livros didáticos de história**. Antíteses, Londrina, v. 5, n. 10, p. 717-740, jul./dez. 2012. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. Brasil. Hist. Educ [online]. 2012, vol.12, n.03, pp.179-197

LOSURDO, Domenico. **Para uma crítica da categoria de totalitarismo**. Crítica. Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.17, 2003

SILVA, J. R. da. **Livro Didático Como Documento Histórico: Possibilidades, Questões E Limites De Abordagem**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 177–197, 2014.